SORRISOS E LAGRIMAS

POESIAS

DE

Maria Rita Chiappe Cadet

1875

LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
FORNECEDORES DA CASA DE BRAGANÇA
6, Rua do Thesouro Velho, 6

SORRISOS E LAGRIMAS

MRC Cadet.

SORRISOS E LAGRIMAS

POESIAS

DE

Maria Rita Chiappe Cadet

1875

Lallemant Frères, Typ. Lisboa.

FORNECEDORES DA CASA DE BRAGANÇA

6, Rua do Thesouro Velho, 6

Dedicatoria

A MADAME DE GÉRANDO

(Improviso

Lembram-te ainda essas tardes
em que, na praia assentadas,
vendo as ondas aniladas
a murmurar,
ouviste meus cantos d'alma,
filhos da magoa e saudade,
e no seio da amisade
pude chorar?!..

Lembra-te a alegre paisagem
do verde pinhal sombrio,
onde em tarde de almo estio
gostavas de ir;
quando eu, por breves instantes,
meus pesares olvidando,
a fresca brisa aspirando
pude sorrir?!..

Das «LAGRIMAS E SORRISOS»
formei um conjunto breve,
que o meu coração se atreve
a te offertar,
esperando que bondosa
queiras em tua alma nobre,
á minha offerta tão pobre,
abrigo dar.

LISBOA, JULHO 1875.

CLARA

Une pâle, égarée en proie au noir délire,
Disait tout bas un nom dont nul ne se souvient.

Victor Hugo.

I

Ha umas horas no dia,
não sei se bem dia são,
em que é tanta a poesia
tão suave a inspiração!...
Horas de affecto e de crença
em que a nossa alma suspensa
gosa momentos do céu!...
Instantes em que ao futuro,
embora velado e escuro,
tentâmos rasgar o véu!

Não ha sol que nos deslumbre
nem sombra para temer;
ha apenas um vislumbre
que as cousas nos deixa ver;
crepusculo vespertino,
de mago alvor peregrino,
que o poeta faz scismar;
horas que na soledade,
nos vem fallar de saudade,
tristesas nos vem lembrar.

Horas de serena calma
em que o poeta, ao Senhor,
dedica seu canto d'alma,
repassado de fervor.
Em que, n'um delirio infindo
vae d'este mundo fugindo
para o mundo immaterial,
e ali procura inquieto
o sonho do seu affecto,
a luz do seu ideal.

São instantes de mysterio,
horas de muita paixão,
contemplando o plaino ethereo
solta o peito uma oração;
e arroubado o pensamento

ouve mysterioso accento
que a alma entende tão só;
o espirito foge á terra
e para longe desterra
as sombras do humano pó!

Não sei que serena brisa
vem entre as ramas brincar,
que na folhagem deslisa,
brandamente a suspirar;
não sei que diz em segredo
a fonte correndo a medo
sob os salgueiros do val;
não sei que diz a açucena,
abrindo d'entre a verbena
o seu calix virginal.

Diz saudade ao que recorda
eras de melhor viver,
ao ancião que na borda
da campa se vê pender;
diz animo e confiança
ao joven cuja esperança
desponta n'alma inda em flor,
e á donzella que medita,
aquella aragem bemdita
murmura sonhos d'amor.

Ah! sim, sonhos d'amor, d'amor sonhava,
no fim da tarde, entre o ramal umbroso,
um vulto de mulher mirando ancioso
a fonte que corria.
Em profundo scismar co'a mente immersa
as mãos cruzava sobre o seio alvissimo,
emquanto que da fonte ao fio purissimo
os olhos seus volvia.

Era linda, das virgens de Murillo
tinha o perfil suave; a furto e a medo
dos purpurinos labios, em segredo,
soltava uma canção.
Mais echo do que voz, por entre o pranto
deixava deslisar seu meigo canto,
par'cia uma visão.

Aproximei-me d'ella, o ouvido attento
pôde colher, na rapida passagem,
de saudade e de amor doce linguagem,
murmurios d'alma emfim...
Mas como traduzir essas endeixas
ricas de sentimento e de harmonia?
n'um enlevo de amor e de poesia
ella dizia assim:

«Entre rochas deslisando,
«brandamente,

«delgado fio de prata,
«reluzente,
«vae o veludo da relva
«refrescando,
«e as flores que o matisam
«orvalhando.

«D'alem do cimo da serra,
«matutino
«um raio de luz se expande
«de ouro fino,
«que suave reflectindo
«na agua pura
«as breves gotas em per'las
«transfigura!

«Ai! não sabem no que eu scismo
«quando a fontinha singela
«vejo correr,
«e o sol a dourar-lhe as aguas,
«mudando a limpha em aljôfar
«no meu viver!...»

Calou-se por um instante,
volveu os olhos a medo,
e no musgoso penedo
de novo se recostou;

em monotona toada,
echo do seu pensamento,
com profundo sentimento
de novo o canto soltou:

«Docemente deslisava
«minha vida, igual passava,
«nem ao futuro aspirava
«nem tinha maguas tambem.
«Era como agua corrente
«perpassando brandamente
«entre a relva occultamente
«sem cobiçal-a ninguem.

«Mas teu amor penetrando
«na minh'alma e dominando
«meu coração, foi mudando
«a face do meu viver;
«como o raio peregrino
«de um arrebol matutino
«converteu em ouro fino
«a essencia do meu ser!»

Suspendeu ainda o canto,
ergueu-se um pouco, mas logo
volveu com mais doce fogo
á suave melodia.

Como era linda a donzella
juntando os seus castos hymnos
aos harmoniosos trinos
que o rouxinol repetia!...

«As lagrimas que saudosas
«n'esta hora, mysteriosas
«pela face, silenciosas
«correndo estão,
«são as gotas d'agua pura,
«da fontinha que murmura,
«a que o sol muda a figura
«co'o seu clarão.

«E como a fonte singela
«fica mais linda, mais bella,
«quando o sol reflecte n'ella
«o seu fulgor,
«assim a minh'alma sente
«dourar futuro e presente
«ao raio puro e ardente
«do teu amor.»

Eis ao longe o echo repete
o som de breve descante,
estremece o peito amante
e a côr ao rosto subiu.

Ergue-se e fica suspensa,
procurando entre a ramagem
descobrir a doce imagem
que de longe presentiu.

II

Eilo que chega. Era um mancebo louro,
alvo de rosto e de estatura esbelta,
os olhos côr do céu, d'esse azul claro
onde o olhar parece mergulhar-se
e a alma adivinhar que vê por elles!
Correram um p'ra o outro, então sorrindo,
estreitando-lhe as mãos brancas de neve,
quasi ao ouvido d'ella assim murmura:

«Oh! como são tão longas
«as horas desabridas
«que vejo decorridas,
«sem ti na solidão!
«Debalde a mente quero
«prender n'um pensamento,
«foge a todo o momento
«pr'a ti meu coração.

«Debalde os olhos volvo,
«contemplo a natureza,
«a explendida belleza
«que nos rodeia aqui;
«que importa que fulgente
«o sol brilhe na serra,
«se eu tenho só na terra
«o unico sol... em ti?!

«Sabes o que é a alma
«o coração e a mente,
«o amor vivo e ardente,
«Deus, paraiso e céu?
«São imagens diversas
«que existem confundidas,
«occultas e envolvidas
«debaixo de um só véu!

«A alma outr'alma busca,
«o coração palpita,
«de vivo ardor se agita,
«exhala os brados seus!
«Sonhando o paraiso,
«um céu de amor purissimo,
«solta em echo dulcissimo
«seu grito ardente — Deus!

«Amor, sopro divino
«que a alma toda invade,
«e em branda suavidade
«embala o coração!
«Sentimento profundo
«que n'alma se sepulta,
«que ali se aninha e occulta
«buscando a solidão!

«Oh! quem viver podesse
«de ti, por ti somente,
«e n'um amplexo ardente
«teu halito aspirar;
«viver só de suspiros,
«fugir de todo o mundo,
«ebrio do amor profundo
«que sinto em mim brotar!

«Quizera ao contemplar-te
«ai! louco, enamorado,
«em extasi arroubado
«d'amor desfallecer,
«e n'esse doce encanto,
«raio do céu bemvindo,
«comtigo ir confundindo
«a essencia do meu ser!»

Calou-se. Ella escutava inebriada,
louca tambem do amor que partilhava;
desprendeu-se do laço que a estreitava
e os olhos levantou chorando ao céu.
A commoção que sente a voz lhe embarga,
«meu pae não consentiu,» diz soluçando,
«é forçoso que partas, e até quando?
«Ah! que triste vae ser o viver meu!»

«Vae procurar fortuna, eu firme espero,
«sem meus votos quebrar, que tu regresses,
«só te peço, meu bem, para que apresses
«a volta o mais possivel. Ah! Senhor!
«Dizem que o novo mundo em ouro abunda,
«traz ouro que sacie os ambiciosos.
«Satisfaz seus desejos cobiçosos,
«por mim somente quero o teu amor.

«— Vou! Escrever-te-hei, sim? mas tu calas?
«porque pareces hesitar, córando?
E o rubor a crescer... e ella chorando
até que emfim murmura, — «não sei ler.»
«meu pae nem permittiu que eu fosse ao menos
«á eschola da aldea, hoje podera
«as tuas cartas ler, oh! se soubéra
«teria mais conforto o meu soffrer!»

De repente surgiu d'entre a ramagem
a figura serena e respeitavel
do padrinho de Clara, o velho cura.
Occulto na devesa elle escutára
o innocente dialogo e sorrindo
«— vae em socego, vae, que á tua noiva
«heide ensinar a ler as tuas cartas
«e com meu paternal e são conselho
«ajudal-a a guardar-te a fé jurada.
«Parte meu filho em paz e no regresso
«noiva e padrinho ante o altar te esperam.»

III

Passou o tempo e chorando
a saudosa Clara espera;
decorreu a primavera,
um mez e outro volveu.
Entretanto ella estudava,
junto do velho aprendia,
já quasi corrente lia
quando emfim *Elle* escreveu.

Era *d'Elle?* — Era uma carta
para Clara dirigida,
por um marujo trazida,
não sei o que presentiu!

Começa a ler palpitante,
mas no triste conteúdo
vê... que a morte acabou tudo,
perdeu as forças... cahíu!

A rogos do moribundo,
um companheiro doente,
o adeus saudoso e plangente
traçou com tremula mão.
Por isso á triste ao abril-a
não sei que se afigurára
que uma nuvem lhe toldára
de negrura o coração!...

O cura, que perto estava,
acodiu de novo ancioso;
a pobre Clara, choroso,
a custo do chão ergueu;
e a carta que ella tinha
contra o peito inda apertando
o pobre velho, chorando,
afflicto entre o pranto leu.

Assim 'steve longas horas
sempre insensivel, gelada,
pela febre devorada,
em delirio e afflicção.

E ao recobrar os sentidos
viu-se então que a pobre Clara
se ainda á vida voltára
tinha perdido a rasão,

IV

À tarde, junto da fonte
onde tanto amor jurára,
a sombra da triste Clara,
como um espectro de dor,
ia vagar solitaria
por entre a verde folhagem
procurando a doce imagem
do seu malogrado amor.

Murmurava com voz rouca
uma saudosa canção,
e o canto da pobre louca
contristava o coração.
Era um echo de saudade
enviado á eternidade;
era um suspiro sem fim.
O espirito desvairado
buscando o seu bem amado
no ermo — dizia assim:

«Ha tantas noites que venho
«esperar junto da fonte
«quando desce no horisonte
«o rei do dia.
«E debalde por ti chamo,
«debalde a triste procura
«essa voz que com ternura
«lhe respondia!!

«Não sei que lembranças tenho,
«não sei que horror me apavora,
«foge-me a idéa... e agora...
«custa o acertar...
«Elle... meu pae... meu padrinho...
«ouro.,. o Brazil... um escripto...»
e fugia dando um grito
para outro dia voltar.

Passaram-se alguns mezes, era em maio,
n'uma tarde serena e embalsamada,
já quasi ao por do sol, breve cortejo
de humildes aldeões, em pobre esquife
um vulto de mulher á extrema estancia
com rosto compassivo iam levando.
Era Clara, a infeliz, que alfim lográra
abrir as azas de anjo que prendia
invisivel cadeia sobre a terra.

O velho cura palido e sereno
seguia logo atraz e mais distante
um vulto lacrimoso e soluçante
a custo se arrastava... era seu pae.
Chegados ao logar onde é forçoso
dizer o extremo adeus aos que findaram,
onde todos os sonhos se acabaram,
o misero ajoelha e solta um ai!

Insensivel ficou durante o tempo
das derradeiras bençãos, e disperso
o cortejo, arrastou-se sobre a terra:
«perdão, balbuciou, perdão ó filha,
«para o pae ambicioso que podia,
«se assim não fosse, teu affecto puro
«gosar para consolo da velhice,
«e tua doce presença não perdera!»

Sentiu que mão amiga lhe tocava,
e ouviu serena voz que lhe dizia:
«ergue os olhos ao ceu, n'elle confia,
«que o anjo do Senhor te vê d'ali.
«Foi teu crime a ambição, para remil-o
«abre teu seio ao infeliz que soffre,
«franqueia aos desgraçados o teu coffre
«e a tua Clara pedirá por ti.»

Portel, 1875.

JEHOVA E O SOL

HYMNO ORIENTAL

Traducção)

Deus disse um dia ao sol: — «astro fulgente,
«reflexo do meu brilho omnipotente,
«que espalhas no universo o raio ardente
«d'essa divina e fecundante luz;
«tu, que as bençãos me atrahes da humanidade,
«quando a aurora desfaz a escuridade,
«e o homem ergue a voz á divindade,
«do novo dia retomando a cruz;

«n'esse gyro em que corres incessante
«espalhando o teu brilho radiante
«e medindo com passos de gigante
«a immensuravel amplidão dos ceus.

«Diz-me, ó sol, d'esse bem que se reparte
«ao mago influxo teu, por toda a parte,
«que encontras que de mim possa igualarte
«e tornar-te maior aos olhos teus?»

O sol respondeu, velando
a face de luz divina
n'uma nuvem purpurina
que então passou:
«Não é de fulgir no espaço,
«nem scintilar no deserto,
«nem ver-te a face de perto,
«que grande sou!

«Não é da c'roa do Libano
«os frios gelos fundindo,
«nem no espelho reflectindo
«do azul do mar,
«nem de lançar os meus raios
«atravez da immensidade,
«alegrando a humanidade
«co'meu brilhar!

«É sim, penetrando a furto,
«da pedra por entre as fendas,
«fulgir nas trevas horrendas
«d'uma prisão;

«e ali, enxugando as lagrimas
« que em tristes faces deslisam,
« dar áquelles que a precisam
« consolação!

«— Bem, disse então o infinito,
« serás, ó astro, bemdito
« no teu fulgor,
« que esse teu raio esplendente
« é como o sopro clemente
« do meu amor!»

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Eu tambem, pobre poetisa,
humilde insecto que canta,
comprehendo a palavra santa
que abençoa o astro rei;
não é a ambição da gloria
que as minhas canções inspira;
jamais os echos da lyra
por sonhos vãos trocarei!

Mas o que leva a minh'alma
a entoar estas endeixas,
é quando escuto umas queixas
sentidas, que d'alma são...
canto com dó de quem soffre,
buscando que a voz plangente
lhe penetre docemente
nas fendas do coração.

Portel, 1871.

GAMA E PORTUGAL

(PHANTASIA)

Cantando espalharei por toda a parte
Se a tanto me ajudar o engenho e a arte.
CAMÕES. *Lus.* C. I, Est. II.

Genio de luz, que no infinito occulto
teu raio ardente, liberal derramas,
que do poeta o coração inflammas
n'um fogo inspirador.
Ó dá-me um canto que engrinalde a lyra,
canto que seja um hymno de victoria,
e ante essa lousa que venera a historia
humilde o irei depôr.

Deixa que eu teça de virentes flores
mimosa c'roa de renome e fama,
emquanto ao longe inda repetem — Gama —
do Ganges as soidões!

Genio invisivel que o meu estro animas,
a mente debil me auxilia agora.
Oh! dá-me um canto como déste outr'ora
    á lyra de Camões.

Tu que inspiraste essa epopea immensa
que a voragem do tempo não consome,
onde engastado sobresae o nome
    e o vulto de um heroe,
vem ajudar-me, e ás porvindouras eras
memorarei de Vasco o ousado feito,
que mais amor da patria em nobre peito
    abrigado não foi!

Inda te invoco mysterioso fluido
que dimanado da região celeste,
á pobre lyra a inspiração trouxeste
    n'um sopro divinal.
E ao receber teu peregrino influxo
vou modular um hymno de victoria,
preito rendido, tributado á gloria
    de Gama e Portugal.

Desponta alegre o dia, apoz vivo arrebol
os montes vem dourar fulgente a luz do sol,
explendida se espalha e do alto da collina

a vista se dilata ao longo da campina
como engastado ali, da vinha entre o verdor,
da luz da madrugada ao purpurino alvor,
singelo, antigo templo ergue-se de repente
da varzea inda florida entre o explendor ridente.
Ao vivido clarão que esparge o astro-rei
ao sacrosanto asylo os passos levarei;
vou meditar a sós, orando ao pé da lousa
onde, no pó do olvido, o Gama em paz repousa.

Eis penetro a entrada aberta,
do templo cruzo os umbraes,
por toda a nave deserta
solidão e... nada mais.
Lampada tênue derrama
clarão de palida chamma
ardendo em frente do altar;
a campa que procurava,
modesto, o nome a indicava,
sem vã nobreza ostentar.

Dobro o joelho então na pedra funeral,
que recobre de Vasco o somno sepulchral
scismando ao contemplar como de gloria tanta
na memoria um padrão tão alto se levanta;
e digo: «é tempo já, desperta, ouve o rumor,
«da patria é o accordar, dos filhos teus o amor!

« A divida se paga. Embora um pouco tarde!
« mas, nobre gratidão nos lusos peitos arde.
« Foi grande a empresa tua, a gloria te alcançou
« quando, ao impulso teu, nas Indias se arvorou
« das quinas o pendão, que o nome Lusitano
« tornou inda maior que o Labaro ao Romano!
« Desperta ossada nobre e um povo em torno vê
« que a historia do passado inda respeita e crê.
« Ao sopro do progresso emfim regenerada
« a nova geração cumpre a missão sagrada
« de repetir teu nome ás eras do porvir,
« e um monumento augusto ao merito erigir.
« Eil-a do teu sepulchro em volta levantando
« a lagea que te cobre e os restos teus buscando,
« já te levam d'aqui, e o templo de Belem,
« ao lado do teu rei, te acolherá tambem!
« As cinzas de Manoel na lousa estremecendo,
« com jubilo ao heroe e amigo recebendo,
« exultarão por certo, o vassallo e o rei;
« mysterios ha na campa, explical-os não sei,
« tão proximo um do outro, ambos grandes na historia,
« cobre-os d'igual a igual manto commum de gloria
« segredos mil dirão, o futuro a prever,
« que a lusitana grei ha de inda ennobrecer.
« O que fazer não póde então Dom João Terceiro,
« um primeiro Luiz, da gloria sua herdeiro,
« por elle pagará na festa nacional
« que enche de gloria eterna o Gama e Portugal. »

Fiquei depois meditando
na grandeza d'esse heroe
que em vida á fama aspirando
humilde na morte foi.
Ante o magestoso vulto
sob aquella pedra occulto
a minha fronte curvei;
e os vôos do pensamento
vagar no espaço um momento
co'a phantasia deixei.

E ali sósinha, no silencio augusto
da melancholica soidão do templo,
emquanto a campa do heroe contemplo
n'este solemne, intimo cogitar;
recorda então o pensamento aquelle
amor da patria, sempre igual, sublime,
que nobre sello de grandeza imprime
na descoberta que elle ousou tentar.

Vejo-o partir da praia do Rastello,
dos pés do altar onde oração fizera,
co'a paz impressa sobre a fronte austera
e os olhos fixos na amplidão dos ceus;

deixando a patria, e a familia, e tudo,
os passos firmes para as naus dirige,
em vão a turba em derredor se afflige
julgando dar-lhe o derradeiro adeus.

Não o detem fatidico presagio
d'aquelles que o futuro não comprehendem,
que a vida positiva só entendem,
para quem o porvir é sonho vão;
embora lhe bradavam — temerario,
que a morte inevitavel arrostando,
vaes comtigo esses miseros guiando
pelo impulso da sordida ambição.

Já córta as largas ondas protegido
pelo amparo celeste que invocára,
a vasta senda o mar lhe franqueára
atravez de seus plainos de crystal,
as intrepidas naus por Deus guiadas,
co'a bandeira das quinas por divisa,
seguem ao sopro da fagueira brisa
em demanda da India Oriental.

Das costas da Ethiopia e varias ilhas
passando avante, com denodo incrivel,
guiado pela fé, lê no invisivel,
e a crença é d'alma o magico pharol

embora a traição lhe córte os passos,
a perfidia domina e, triumphante,
segue buscando a terra ainda distante
que as portas abre ao refulgente sol.

Estranhas gentes e variados usos,
por terras nunca vistas encontrando,
contra o perigo muita vez lutando,
no intimo escuta animadora voz;
e das ciladas que lhe tece a astucia
escapa sempre com fortuna immensa,
escudo encontra na piedosa crença
e o rumo segue rapido e veloz.

Prodigios mostra o céu n'aquella empresa,
e a mão do Omnipotente se revela;
prospero e brando vento enfuna a vela,
vae a frota das vagas atravez;
embora os escarceus surjam medonhos,
o argonauta impassivel segue avante;
não teme a sepultura a cada instante
pelo abysmo do mar aberta aos pés.

Eis que no meio da fadiga insolita
e as miserias que traz a vida insana,
encontra sobre a praia Melindana
remanso onde cobrar novo vigor;

e o generoso rei que o ousado intento
dos lusos apprecia e bem comprehende,
a mão leal, propicio lhes estende,
homenagem prestando ao seu valor.

Oh! parece-me vel-o repousando
do contínuo lidar co'a vaga irosa,
agora em branda paz, na gloriosa
narração que lhe escuta o moiro rei;
quando co'a voz serena lhe contava
da patria sua amada a grande historia,
o berço, a fundação, a immensa gloria,
e tantas cousas mais que nem eu sei.

Os favores do ceu que Lysia honraram,
os feitos de valor dos portuguezes,
as lanças enristadas e os arnezes
d'encontro á cimitarra do infiel,
as bellezas do clima e o triste drama
das margens do Mondego, onde entre flores
morreu a linda Ignez martyr de amores,
tudo traçou com magico pincel.

Os sonhos do monarcha então reinante,
quando o Ganges e o Indo transformados
por sobre o regio leito debruçados
na illusão, entre o somno julgou ver;

emfim a sua partida, quando o Tejo
deixou para affrontar perigos tantos,
contou, maravilhando a todos quantos
lograram d'escutar-lhe o seu dizer.

A derrota atravez das salsas ondas,
as noites mal dormidas, vigiando,
inquietos, o rumo procurando
n'essa estrada que trilho nunca tem;
e a passagem do grande promontorio,
que um gigante na mente lhes figura,
estendendo a grandissima estatura
por esse mar que não sulcou ninguem.

Tudo, tudo parece-me escutar-lhe
e apoz repouso breve, mas suave,
eil-o tornando á estremecida nave,
seguindo o rumo com maior vigor;
até que emfim a Calecut chegando
conseguiu d'alta empresa o fim sonhado,
e o nome Portuguez foi acatado
e ali reconhecido o seu valor.

Suspendo já, que a phantasia cança,
na incessante carreira em que me arrasta,
e do passado o meu pensar se affasta,
volve ao presente, a cinza que ali jaz.

Elle, tão grande, corajoso e intrepido,
co'a nobre fronte de laurel cingida,
calcou a gloria ao desprender da vida,
e em sombra envolto adormeceu em paz!

Ergui a fronte um momento
olhando em torno de mim,
par'ceu-me ouvir um accento,
uma voz dizendo assim:
« d'alem da campa te escuto,
« pagas um nobre tributo,
« como a patria pagar vem;
« os restos do velho Gama
« Dom Manuel hoje chama
« para o templo de Belem!

« Depois d'um somno profundo
« de trez seculos e mais,
« resurjo ao grito jocundo
« dos festejos nacionaes.
« Bem hajas, patria, despertas,
« e ás índicas descobertas
« apreço alfim sabes dar,
« e á lusa voz accordando
« da campa o sello quebrando
« venho-lhe o brado escutar. »

Immersa de novo a mente
no delirio da illusão,
julga avistar de repente
o vulto d'um ancião,
a barba senil e branca,
a face austera, mas franca,
o gesto a indicar valor;
magestoso se apoiava
na espada, emquanto lançava
os olhos em derredor.

A bocca leve movendo
com voz que eu só comprehendi,
mystico som que eu entendo
que dentro em minh'alma ouvi,
entre um sorriso bondoso,
que no rosto luminoso
revelava o ser feliz,
dirige-me o brando accento,
e n'um tom pousado e lento
estas palavras me diz:

« Que pensas, inclinando a fronte palida
« na beira de uma campa solitaria,
« onde só acharás, do que era outr'ora,
« já quasi extincto pó?

« Ergue os olhos ao mundo do mysterio,
« busca ali dos heroes o nome e o vulto,
« das empresas o premio e das virtudes
« ali se encontra só!

« Que importa que ha trez seculos o olvido
« tenha coberto os descarnados ossos
« do involucro do Gama, se o espirito
« pairando na amplidão,
« velava pela patria e no invisivel,
« inspirando o progresso a bem dos lusos,
« recebendo o seu premio inda cumpria
« o resto da missão.

« Embora lhe velasse a sombra as cinzas
« no ignorado jazigo que escolhêra,
« onde aos pés do altar repouso achára
« sem louros nem brasões;
« se faltava de pedra o monumento
« que o transmittisse ás gerações futuras,
« tinha eterno padrão de gloria erguido
« nos cantos de Camões. »

A voz solemne cessára;
co'a vista em torno busquei
o vulto que divisára,
porém já nada encontrei.

Fóra illusão ou delirio?
Apenas palido cyrio
ardia em frente do altar;
sahi do templo scismando
e a fresca sombra buscando
meu hymno fui descantar.

A patria entoando
seus hymnos de festa
em cantos attesta
seu vivo prazer,
o heroe saudando
que em eras passadas
as quinas sagradas
tão longe fez ver.

As margens do Ganges,
do Tejo levado,
o hymno soltado
na voz festival,
ao mundo apresente
e á face da historia,
envoltos em gloria,
Gama e Portugal!

Do empyreo onde vives,
ó vulto radioso,
o olhar magestoso
inclina e sorri.

A patria se prostra
teus restos cercando,
seu preito offertando,
eleva-se a ti.

As margens do Ganges,
do Tejo levado,
o hymno soltado
na voz festival
ao mundo apresente,
e á face da historia,
cobertos de gloria
Gama e Portugal.

O teu monumento
um nome proclama
que a tuba da fama
tão longe levou,
e aponta aos vindouros
que a patria rendida
não foi esquecida,
seu culto pagou.

As margens do Ganges,
do Tejo levado,
o hymno soltado
na voz festival,

ao mundo apresente
e á face da historia,
envoltos em gloria
Gama e Portugal!

Fallece-me o estro, findou-se o meu hymno,
e o ser peregrino que o canto me deu,
as candidas azas abriu revoando,
deixou-me fitando meus olhos no ceu.

Ainda murmuro co'a voz apagada
da estrophe sagrada
o trecho final:
«que as eras futuras guardem na memoria,
«cobertos de gloria,
«Gama e Portugal!»

Vidigueira, Julho 1871.

A CEGA

> Donnez à qui prie et demande
> Car, au seuil de l'éternité,
> Il n'est qu'un mot que l'ange entende
> Et qui fasse ouvrir... charité !
>
> *Mary Lafon.*

I

É já noite, nos campos gelados
passa o sopro do norte cortante,
dos pinheiros a côma alvejante
surge envolta de gelido veu ;
tudo é ermo na vasta campina,
nem o hymno das aves se escuta ;
negro manto de nuvens enluta,
volve em trevas os plainos do ceu.

Já vão longe esses dias festivos,
quando o campo coberto de flores,
no esmaltado tapete de côres
convidava ao prazer e ao amor ;

quando á hora da sesta se ouvia
entoar as singelas cantigas
a ceifeira c'roada de espigas
enlevada no seu segador.

Como lembram com viva saudade
as manhãs d'alvorada serena,
os perfumes que exhala a verbena,
e os arômas do casto jasmim
quando aos beijos da brisa se embala
alvejando entre a verde folhagem,
e nos campos perpassa uma aragem
que murmura segredos sem fim!

Cresce a sombra que invade a campina
e da aldêa o rumor se esvaece,
na arribana o pastor adormece
escutando do vento o rugir;
nem um astro no céu se divisa,
cae a chuva na estrada deserta;
da choupana de colmo coberta
vê-se a luz pelas fendas luzir.

Luz escassa... fumosa candeia
d'uma trave do tecto suspensa,
e que a sombra tornava mais densa,
d'este quadro pungente ao redor;

triste grupo de mãe e de filho
contemplando o viuvo brazeiro,
onde ha muito não arde um madeiro
que do frio minore o rigor.

Junto á umbreira do lar assentada
com o rosto inclinado medita;
vê-se o sulco que imprime a desdita
suas palidas faces cavar;
as grisalhas madeixas se escapam
d'um farrapo que a testa lhe cobre;
tudo o mais é tão velho e tão pobre
que debalde o quizera pintar.

Nos joelhos a fronte lhe pousa
uma loura creança dormindo,
vê-se o rosto do anjinho sorrindo,
enlevado n'um sonho talvez;
negro quadro d'infancia e miseria,
tanto amor na pobreza aninhado,
triste grupo de sombras cercado
d'espantosa e completa mudez.

Oh! no enlevo do affecto materno
os seus dedos mirrados enlaça
nos anneis do cabello, e abraça
o innocente que segue a dormir,

contra ao peito o estreita e sentindo-lhe
o corpinho tranzido e gelado
solta d'alma um suspiro magoado
que revela profundo sentir.

«Ah! murmura co'a voz apagada,
«ha tres dias sem pão e sem lume!
«oh! cheguei do meu Golgotha ao cume!
«Santo Deus! acceitae-me esta cruz!»
Ao dizer estas tristes palavras
contra o seio o filhinho conchega.
Ergue o rosto, meu Deus, era cega,
não fulgia em seus olhos a luz!

Ai sem luz, tudo trevas em torno,
sem calor, sem abrigo e sustento,
embebida no atroz pensamento
de que o filho tem fome tambem;
oh! a pobre debalde mendiga,
todo o dia na estrada esmolando;
todos passam a esmola negando,
e da triste piedade não tem.

Recolhera á cabana tranzida,
ensopada da chuva, chorando,
e o filhinho seus passos guiando
á entrada pedira-lhe pão.

Ah! miseria, que lances off'reces!
Pobre mãe, ao entrar no seu ninho
tem sómente o materno carinho
para o filho do seu coração!

«Nada tenho que dar-te, oh! mas não chores,
«que não comi tambem e estou contente.
«Não vês como sorrio alegremente?
«Isso é somno e cançasso; vem dormir.»
Depois sobre o regaço lhe pousava
a cabecinha loura, e com carinho
tentava adormecer o pobresinho,
'té que a final o póde conseguir.

Emquanto a terna mãe sobre os joelhos
o pobre innocentinho acalentava,
pelo colmo do tecto penetrava
gelado e incessante gotejar,
sobre elles espalhado como lagrimas
parecia que o inverno deplorando
tanta dôr e miseria, pranteando,
vinha as maguas da triste acompanhar.

E lá fóra seguia a tempestade,
rebramindo furiosa, desabava,
e as fendas da porta allumiava
d'electrico clarão sinistra luz;

a cega murmurava entre soluços
a timida oração dos desvalidos,
o pranto suffocava-lhe os gemidos,
eis estala um trovão, brada: Jesus!

Ao rebombo feroz desperta em prantos
o tenro innocentinho que dormia,
emquanto no seu seio se escondia
lembra-lhe a fome e diz «eu quero pão!»
E a mãe que soluçava exclama: «filho,
«nada tenho que dar-te, por desgraça;
«n'este aperto, meu Deus, não sei que faça,
«quem me virá valer n'esta afflicção?!»

Eis de subito assoma-lhe á lembrança
uma idéa que julga de conforto,
e como o nauta, crê achar um porto
do mar entre os revoltos escarceus,
assim a triste cega sáe de casa
com passo mal seguro e diz: sigamos
«á cidade visinha, filho, vamos
«pedir esmola pelo amor de Deus.»

Caminha pela estrada entre os horrores
d'uma noite de inverno, a criancinha
vae amparando os passos da mesquinha,
mas chora que tem medo e tudo é só!

As arvores phantasmas lhe parecem,
gela-lhe o frio os membros franzininhos,
e rasga os tenros pés pisando espinhos,
emquanto o vendaval segue sem dó!

II

Em vasta praça illuminada surgem
dois edificios de diff'rente aspecto;
d'um lado a cathedral, de forma gothica,
nas rendadas columnas se sustinha,
erguendo ao ceu as ponteagudas torres
que no vertice immenso pareciam
apontar o infinito, dedo augusto
que indica a eternidade, dando muda,
silenciosa licção aos homens todos!
Na archivolta do portico se eleva
entre florões de pedra a cruz sagrada,
signal consolador que aos desvalidos
é d'esp'rança o perdão sublime emblema.
Defronte um palacete onde brilhavam,
embora tarde já, luzes de festa
e o grato som da orchestra revelando
que as vigilias do inverno ao nobre e ao rico
são gratas no folgar entre os perfumes
e as delicias do baile; nas janellas,
por entre as musselinas ondulantes,
vê-se a sombra passar dos que na dança

o mundo olvidam no delirio immenso.
De tempo a tempo da entreaberta porta
escapava-se a tepida bafagem,
o suave calor da luz e o arôma
das flores que nas salas rescendia;
emquanto que o reflexo dos brilhantes
no voltear da valsa reluzindo,
figuravam estrellas por momentos,
e do escuro da praça se avistavam.
Que tremendo contraste! a um lado a festa
com todo esse folgor que o rico enleva,
fazendo-lhe esquecer que emquanto voam
as doces horas que o prazer lhe offerta,
os infelizes que a miseria esmaga,
presas da fome, da nudez, do frio,
luctando co'a desgraça, no abandono,
talvez espreitam com ciosas vistas
de longe o brilho do seu baile explendido,
emquanto que defronte silenciosa,
solemne no mysterio, os muros ergue
a casa do Senhor, onde a desgraça
verte seu pranto amargo aos pés do Eterno,
onde a imagem sagrada se venera
d'Esse que disse: « Amae-vos uns aos outros!
« irmãos sois n'este mundo, ao que tem fome
« dae o pão que sustenta e a gota de agua
« ao misero infeliz que morre á sede! »

Entre a elevada sombra do palacio
e a escura cathedral, no centro a praça
estende-se alagada, erma e sombria,
e da chuva em torrentes innundáda;
do frio inverno a carrancuda face
n'esta lugubre scena se desenha.

III

Era quasi manhã, o ceu envolto
no carregado manto de nebrina
não deixava o alvor da madrugada
romper emfim, as luzes desmaiavam,
e já os derradeiros sons da orchestra
expiravam nos ares, quando um grupo
entre as sombras da noite desemboca
de uma viela estreita, á praça chega;
na marcha incerta vacilante e timida
revela-se o soffrer: eis se aproxima
á luz de um candieiro, era a ceguinha
que semi-morta, enregelada e tremula
pela mão do filhinho que chorava
vinha á cidade mendigar sustento.
Ouvi-lhe o soluçar entrecortado,
as palavras nos labios se lhe gelam
ao sopro de dezembro agreste e ingrato.

« Oh! Christo como a rua da Amargura
« eu sigo n'esta senda malfadada!
« a Cruz levo tambem, a cujo peso
« eu vergo emfim, Senhor, ó Deus valei-me! »
No entanto do palacio a vasta porta
com estrondo os batentes abre, e saem
vistosos grupos de formosas damas
no velludo das mantas envolvidas
com arminhos e pelles resguardando
a delicada tez que o norte cresta;
sorrindo alegremente segredavam
entre si as donzellas, os mancebos,
ainda recordando os breves gosos
de tão luzida festa, se apressavam
a fazer companhia; as carruagens
cruzam de leve em rapida carreira,
e n'um momento a vida se desperta
no vasto largo. Então a pobresinha
tremendo, á porta co'o filhinho chega,
e a voz erguendo n'um soluço amargo
uma esmola por Deus pede chorando.
Passa um grupo, outro passa e não attenta;
os olhos pela festa deslumbrados
como haviam de ver tanta miseria!
Tudo passa e ninguem, ningem repara
na misera que chora e em vão supplica!
Tudo passou... da porta se aproxima,

restava um só creado. — « Oh! por piedade
« dae-me um pouco de pão, que morro á fome! »
« — Ámanhã dá-se a esmola a hora certa,
« quem não vem não recebe, vão-se embora,
« vadios pela rua a estas horas
« Deus sabe o que farão! » e a porta fecha.
« Deus! ó Deus! » brada a triste em mar de pranto,
« já não posso esperar, a cruz deponho!
« Vamos, filho, meu filho, a casa é perto,
« o templo do Senhor, na fria lagea
« vamos buscar repouso, eu sinto a morte!
« Já dos membros o frio do sepulchro
« ha muito se apossára, oh! mas sosinho
« tu ficas n'este mundo... vamos filho
« que á porta do Senhor a mãe afflicta
« vem entregar sua alma e seus cuidados,
« Elle te valerá que eu já não posso!...
« Oh! sinto-me morrer — meu filho vamos! »

IV

E vae. Ante o portal do templo augusto,
no gelado degrau cae já sem força;
e o misero innocente em vão se esforça
para chamar á vida a pobre mãe:

ao cume do seu Golgotha chegada
a cruz aos pés de Deus emfim deixára
e a alma da martyr revoára
á patria immaterial do infindo bem!

E como se chegando ante o Eterno
por seu filho a infeliz intercedera
em seu seio a creança adormecera
novamente esquecendo a fome e a dor;
é que a alma da mãe voando em torno
o somno com amor lhe bafejava,
e seu doce thesouro vigiava,
invisivel, á porta do Senhor!

V

Rompe emfim a manhã e apoz a noite
do rijo vendaval surge sereno
limpido o sol, os raios espargindo
do magico explendor;
á viva luz que espalha se divisam
sobre os frios degraus, a cega extincta
e a criança dormindo, que formavam
um grupo aterrador.

As turbas já em torno se agglomeram,
todos choram tamanha desventura;
uns dizem: « como a triste soffreria
no seu transe final! »
Todos querem valer ao orphãosinho,
as damas já se off'recem a leval-o,
outros querem fazer á pobre cega
pomposo funeral.

. . . .
. . . .

Ah! caridade! caridade ainda
entre os homens tão pouco comprehendida
que quasi sempre do infeliz á magoa
extemporanea vem!
Hoje todos lamentam, todos choram,
todos a mão estendem á porfia
quando hontem de pão um só pedaço
salvára filho e mãe!

Funchal, 1870.

A CARIDADE DO POBRE

(VICTOR HUGO)

Traducção livre

> Le soir au seuil de sa demeure,
> heureux celui qui sait encor
> ramasser un enfant qui pleure,
> comme un avare un sequin d'or.
> *V. H.*

É noite. A sombra cresce e no crescer invade
a selva, o campo e o mar, em torno a escuridade
tudo já recobriu. A cabaninha alem
a mal unida porta emfim cerrou tambem.
Lá dentro escaça luz, crepusculo indeciso,
mas atravez do qual a custo ainda diviso,
ao vermelho clarão do quasi extincto lar,
pendente em velho muro a rede de pescar.
Ao fundo em tosco armario a vista vagamente
d'humilde pó de pedra a louça vê sómente,

é barro e nada mais! Além a escuridão
occulta antigo catre envolto em algodão
de roto cortinado; a colxa desce e encobre
co'a desbotada tela o thalamo do pobre,
rico de amor talvez! Ao lado ainda se vê,
(o que o olhar percebe a mente a custo crê!)
sobre uma enxerga ao longo em taboas carunchosas
de uma barra de pau, alegres, descuidosas,
cinco creanças vejo, em placido dormir;
dos labios entre o somno escapa-lhes o rir!
Grupo de infancia e paz! D'almas formoso ninho,
que solicito vela o maternal carinho!
D'espaço a espaço corta a immensa escuridão
da apagada lareira um ultimo clarão,
que na lobrega estancia a reflectir augmenta
a vetustez que o tecto aos olhos apresenta
e mais lugubre torna o misero logar
onde a innocencia dorme e a mãe vigia a orar.

Co'a fronte debruçada sobre o leito
uma mulher, ajoelhada, orando
pensa, supplica e reza, derramando
lagrimas que lhe arranca amarga dôr.
É a mãe. Está só, emquanto ao longe,
ao céu, ao vento e ás rochas escarpadas,
o mar atira as vagas irritadas,
rebramindo com horrido fragor.

Seu marido está lá. — Desde bem moço
pescador incansavel, sempre ao largo,
procurando alcançar o pão amargo
que, de forças exhausto, a casa traz.
Chuva, tormenta, calma ou tempestade,
não o detem jamais, parte, é forçoso;
e as ondas do Oceano revoltoso,
em seu fragil barquinho, affronta audaz.

Os filhinhos tem fome. A este impulso
desprende-se do caes o fragil lenho,
guia-lhe os remos porfiado empenho
de nas redes colher pesca feliz.
E no entanto a mulher em casa cose,
as vellas e os anzoes attenta observa,
prepara a sopa que no lar refèrva,
e, dos filhos cuidando, o céu bemdiz.

Dormem entrelaçados e risonhos,
co'as faces côr de rosa, affogueadas,
fazendo dos bracinhos almofadas,
envoltos no mesquinho cobertor;
e a mãe pensando n'elles e n'aquelle
que sobre as vagas segue o rumo incerto,
estremece e, anhelando têl-o perto,
solta um grito de angustia aterrador.

«—Que temes? que te assusta? pois não sabes
«que sempre, do escarcéu ao rude embate,
«dias e dias, sem cessar, combate
«co'o feroz elemento sem tremer?»
Tudo é gelado, tudo é frio e escuro,
nem uma luz, sequer, no céu se avista,
a desgraçada então geme e se attrista,
pensando no que tanto a faz soffrer!

Elle entretanto sobre a vaga altiva,
entre a medonha cerração da noite,
do vento supportando o rijo açoite,
no incessante lidar cança tambem.
O abysmo rola as desmedidas dobras,
quebra-se a vaga em tetrico lamento,
e o pobre pescador seu pensamento
volve ao ninho de amor que existe além!

Pensa na esposa amante e essas lembranças;
cruzando-se atravez da noite escura,
formam como um amplexo de ternura,
confundem-se n'um osculo de amor.
Aves do coração, divinas aves!
voam d'um para o outro. Oh! maga idéa
que vens trazer ao infeliz que anceia
um bafejo de esp'rança animador.

Ella reza e a calhandra
solta o grito zombeteiro,
sinistro, quasi agoureiro,
da noite entre a solidão.
Ergue-se, escuta um momento.
Cresce a sombra em torno d'ella,
augmenta ao longe a procella
já desfeita em furacão.

Ah! por sobre o seu espirito
que idéas passam, que susto!
As mãos ergue ao céu e a custo
solta uma prece de dôr.
O mar! o mar! seus escolhos,
tanto perigo eminente,
tanta vida de repente,
sumida entre aquelle horror!

E emquanto assim lucta e geme
por essa agonia inquieta,
vae grão a grão da ampulheta
a arêa o tempo a marcar;
e hora a hora se deslisa,
que seculos mais parecem,
pois se prolongam e crescem,
n'aquelle triste pensar.

Volve os olhos em roda. Que pobresa!
Os filhinhos descalços sempre, sempre,
de verão e de inverno! O pão escaço,
nunca de trigo, nunca, é só centeio!
E o vento, a rebramir impetuoso,
ruge lá fóra como o folle immenso
de monstruosa forja, além a costa
a bigorna semelha. Ao rude choque
tudo estremece e a misera confrange-se
n'este medonho horror que a predomina!

Meia noite vibrou ao longe o sino
do relogio da aldeia. Meia noite!
hora de alegre, embriagante goso,
de luz e festa ao cortezão que folga
entre flores e galas... Meia noite!
hora tambem silenciosa e lugubre
que vem, envolta em vendavel e angustia,
assaltar o barqueiro que estremece,
quebral-o contra as rochas que de subito
erguem no abysmo as eriçadas cristas!
Como o bramir das vagas lhe soffoca
o grito da agonia! Sente a barca
desfazer-se co'a força dos balanços
mergulhar, affundir-se, e o triste pensa
no velho annel de ferro onde o sol brilha
quando o barco de dia ao caes amarra!

À vibração longinqua d'essas horas
ergueu-se a pobresinha em sobresalto,
e essas visões sombrias que apavoram
seu pobre coração e o despedaçam,
augmentam ainda mais, e diz comsigo:
«—Mulher d'um pescador! ah! triste sorte!
«que horroroso é dizer—toda a familia,
«pae, marido extremoso, irmão e filho,
«estão n'aquelle cháos! oh! meu sangue,
«a carne, o coração presa das ondas,
«que é peior do que ser das feras presa!
«Pensar que n'essas vagas inconstantes,
«que no incerto vaevem minh'alma arrastam,
«esses entes queridos se debatem,
«e todo o meu querer em vão tentára
«salval-os do perigo! oh! triste sorte!
«Pensar que p'ra vencer do mar as furias,
«todos esses abysmos de agua e sombra,
«onde não brilha a luz sequer de um astro,
«tem apenas as quatro frageis taboas,
«que a barca lhes compõe, e a rota vella!
«Oh! lugubre cuidado!» A porta abrindo
espavorida sae e á praia corre.
Sobre os humidos seixos escorrega,
ora cae, ora a custo vae seguindo
e ante a medonha face do Oceano,
por um momento, estatica suspende
a rapida carreira. As ondas crescem!...

« Onde está? onde está? oh! mar devolve-m'o
« que já me tarda e o pensamento inquieto,
« sómente idéas tristes me desperta!
« Sombrio sempre o mar, sempre agitado!
« Elle está só ali, só co'a tormenta,
« sem ajuda nenhuma, que os filhinhos
« são muito pequeninos! Malfadada!
« Pequeninos! — Se fossem já crescidos!
« O pae 'stá lá tão só no mar! Chimera!
« Mais tarde quando juntos, pae e filhos,
« partirem para a pesca ao vel-os, triste
« direi chorando: — Ah! se pequenos fossem!

Cala-se e soluçando continúa
a divagar na praia. O sopro gelido
do frio norte as faces lhe enregela,
envolve-se na capa e mal segura
a palida lanterna, procurando
ver se elle volta emfim, se ao longe brilha
a luz consoladora sobre o mastro,
o signal do regresso. É tudo sombra!
A brisa matutina ainda não sopra;
nada! nem linha branca no horisonte,
no espaço é tudo negro, a onda em trevas
vem espirar na praia, é noite e chove!...

Oh! como é triste a chuva n'essas horas
que precedem a grata madrugada,
parece que indeciso e a custo o dia
não se atreve a romper, hesita e teme
ter de seguir o costumado gyro,
por entre o plumbeo céu que envolve os ares;
e assim como a creancinha em lagrimas
abre os olhos á luz, tambem a aurora
o orvalho solta que semelha o pranto!

Era cedo pensou... mas n'este instante
lembram-lhe os innocentes que dormindo
deixou no pobre lar, e sem demora
os passos volve pressurosa e tremula;
na passagem não vê brilhar ao menos
uma luz que a conforte, é tudo sombra
nas janellas visinhas, de repente,
seus olhos o caminho procurando,
encaram n'um casebre que ali proximo
entre outros destaca, escuro e lobrego.

Que humilde pardieiro tão vetusto,
sem luz que d'entre as fendas se divise,
sem lume sobre o lar, a porta ao vento
solta o ranger d'enferrujados gonzos.

Os muros carcomidos que sustentam
o carunchoso tecto, um tecto horrivel,
todo de velho e apodrecido colmo,
deixam apenas ver sombrias manchas.

«Olha, diz ella, eu esquecia agora
«esta pobre viuva! não pensava
«que meu marido ha dias me dissera
«que estava bem doente! E tão sósinha!
«Doente e só! Vou ver como ella passa;
«a hora é pouco propria, é bem verdade,
«mas o enfermo e o pobre quasi sempre
«tem mais longa a vigilia de que o somno!»
Bate-lhe á porta; escuta... não responde.

Torna ainda a bater, chama tremendo,
pelo vento do mar enregelada,
e de susto tambem. Diz novamente:
«Doente! e seus filhinhos sem sustento!
«Tem apenas só dois, mas seu marido!»
Depois bate mais rijo «Olá visinha!»
chama outra vez e a casa muda fica.
Tudo é silencio em torno. «Oh! Deus, diz ella,
«como se dorme aqui, que me é preciso
«esperar tanto tempo!» Então a porta,

como se por momentos a materia
cedendo ao sentimento se animasse,
e, de subito dó ao forte impulso,
a seu longo chamar resposta désse,
lentamente girando, ao som do vento,
a entrada lhe franqueia. Emfim penetra
na lugubre mansão, que a luz furtiva
da palida lanterna faz mais triste.

O negro e mudo albergue encara e treme!
A casa á beira mar era medonha!
Do tecto, como um crivo, gota a gota
cahia a chuva em baixo, além ao fundo;
sobre um montão de sordidos farrapos,
uma mulher immovel, na penumbra
d'este quadro de dôr, se divisava.
Descalça, o olhar parado e já sem brilho,
hirtas as mãos, pendentes, um cadaver!
Outr'ora mãe feliz, alegre e forte,
agora da miseria o frio espectro,
palida, inerte, escabellada e morta!
O corpo inanimado sobre a enxerga,
e que resta do pobre apoz a lucta!...

Do braço frio e livido pendia
a mão esverdeada e já corrupta;
na bocca semiaberta o horror deixára

estampada a expressão da extrema angustia
porque a alma ao fugir-lhe havia soltado
esse brado final que a eternidade
ouve aos que voltam do desterro á patria.

Perto d'esse logar onde jazia,
pobre mãe de familia fria e exanime,
deitadinhos ali no mesmo berço
os dois miseros orphãos repousavam.
Era um par de innocentes, o menino
sorrindo junto á irmã em brando somno
do seu triste destino inconsciente
em um sonho feliz talvez folgava.

A desgraçada mãe a morte presentindo
deitara-lhes a manta nos pésinhos
e sobre o corpo a esfarrapada capa,
pensando a pobre que nas horas longas,
apoz seu passamento, se deixasse
os tristes pequeninos abrigados,
não sentiriam esse frio extremo
que a morte communica aos que estão perto,
e que ao pé d'ella, inanimada e fria,
achariam ainda quente aninho,
derradeiro penhor do amor materno!

Como dormem tranquilos no seu berço!
Que leve respirar! nada os desperta,
nem mesmo o echo da final trombeta,
porque, sendo innocentes, não receiam
severas iras do Juiz Eterno.

A chuva lá por fóra n'um diluvio,
do velho tecto as fendas dilatando,
de tempo a tempo enregelada gota
deixa cahir sobre essa fronte morta,
resvalando na face e que parece
da mãe saudosa a derradeira lagrima!
A vaga soa ao longe marulhosa
como um grito de alarme e a morta escuta,
na sombra immersa, n'um silencio estupido,
porque o corpo, ao fugir-lhe a parte etherea,
o espirito immortal e radiante,
parece ainda procurar no vacuo,
e chamar outra vez a alma e o anjo!...

Julgamos escutar este dialogo
entre a palida bocca e o olhar extincto:
«Porque perdeste o alento?» — «E tu, responde,
«que fizeste do olhar que em ti fulgia?»
Ah! sim, amae, vivei, colhei boninas,

dançae, folgae, e o coração em chammas
abrasae por amor, libae nas taças
o nectar do prazer inebriante...
Assim como no mar alfim se perde
o prateado arroio, assim a sorte
dá por termo ao banquete, á festa, ao berço,
ás mães que os tenros filhos estremecem,
ás caricias de amor que o peito enlevam,
ás canções, ao sorriso, emfim a tudo,
o gelo do sepulchro a paz do tumulo!

Que fez então Jenny no albergue lugubre?
Que leva occulto sob as longas dobras
da capa e por que treme ao affastar-se?
Porque lhe bate o coração e, a furto,
timida corre na viela estreita?

Quando a casa voltou já roxeava
á luz da aurora os pincaros dos montes.
Não sei que vultos foi que a medo envolve
na desbotada colxa, e a fronte inclina,
sentada junto ao catre, contemplando
os filhinhos gentis qu'inda dormiam.
Toda palida, a triste, dir-se-hia
que um remorso na mente lhe pesava,

dos labios murmurava entre soluços,
emquanto o mar altivo desabava
contra as pedras da praia. « Oh! Deus que angustia,
« pobre marido, que me dirá elle?
« já tem tantos cuidados e ainda agora
« vou sobrecarregal-o com mais este!
« Cinco filhos já tinhamos e agora...
« elle hade trabalhar para nós todos...
« Dar-lhe estes dois a mais, meu Deus valei-me!
« É elle? — não é nada. — Oh! é verdade,
« fiz mal! se elle me bate soffro e calo,
« ou digo — fazes bem! — oh! ceus lá chega?
« não, ainda bem. A porta está rangendo
« como se entrasse alguem! pobre marido,
« tenho medo de o ver chegar agora!»
Depois fica pensando, estremecendo,
entregue á sua angustia e por momentos
entranhando-se mais na magoa interna,
abysmada na dôr como n'um cháos,
nem sequer escutava o rijo sopro
da tormenta e do mar bramindo em colera.

A porta de repente abre-se toda,
e deixa na cabana entrar um raio
de mago alvorecer do sol de maio,
dourando n'um instante o pobre lar.

Alegre o pescador, co'a rede ás costas,
no umbral assoma procurando a esposa
que tremula, indecisa, e lacrimosa
parece por momentos hesitar.

«—És tu?—lhe grita emfim, e contra o peito
o esposo abraça, qual o amante fosse,
a nuvem do receio dissipou-se,
beija-lhe com amor o fato e a mão;
emquanto elle dizia: — «Aqui 'stou filha,
«cheguei mulher!» — E do sereno rosto
irradiava a luz do puro gosto
que tinha a transbordar do coração.

Sua alma bem formada transluzia
no carinhoso olhar com que fitava
os filhinhos dormindo, e os beijava
com transporte de affecto paternal;
a timida Jenny, ao contemplal-o,
sentia-se animada, e brandamente
se aproxima ao marido lentamente,
dobrando e desdobrando o avental.

«—Fez mau tempo?» pergunta.— «Foi horrivel.
«—E a pesca?» — «foi bem pouca! N'este anno
«fico roubado pelo mar tyranno,
«que é peior que a floresta! mas então...

«porque estás a chorar? não vês querida
«que estou de volta já. Dá-me um abraço,
«tudo esqueci!» e em amoroso laço
a cinge com ternura ao coração.

«Ainda não perdi tudo, vem a rede
«com as malhas quebradas, o diabo
«ia da minha barca dando cabo
«escondido do vento no soprar.
«Tinha a amarra partida em dois pedaços,
«valeu-me a protecção do Pae celeste!
«E tu, minha Jenny, tu que fizeste
«no entretanto por cá, já sei... orar!»

Ella treme na sombra, ella vacilla,
e diz: — «eu, como sempre, trabalhando,
«os nossos pobres filhos vigiando,
«e ouvindo o mar ao longe rebramir,
«rezei bastante, tinha tanto medo!
«Rugia o vendaval desenfreado;
«quem lucta como nós contra o seu fado
«o que pode fazer senão carpir?»

Olhou para o marido, elle sorria,
«— Não sabes? morreu hontem a visinha,
«foi hontem... foi, morreu mesmo á tardinha,
«depois de que de ti me separei;

«coitada! era tão boa! Tu não sabes?
«os filhinhos, que ficam desgraçados
«junto da mãe já morta, conchegados,
«que pena! esta manhã dormindo achei.»

«São dois: é o Guilherme e a Magdalena,
«um ainda não anda, a outra agora
«começou a fallar... tão palradora!...
«em que miseria ficam, ó meu Deus!»
Elle escutou calado e pensativo,
erguendo-se depois, o gorro atira,
passeia pela casa, ella suspira
e os olhos supplicante eleva aos ceus.

«— Diabo! e na cabeça vae coçando,
«tinhamos cinco filhos, já bastante,
«a pesca é, muita vez, pouco abundante,
«quantas noites se passam sem ceiar?!
«que faremos? deixal-o, eu não me afflijo,
«isso pertence a Deus. Mas, infelizes,
«ficarem sem a mãe esses *petizes*,
«porque será, Jenny? é p'ra scismar.»

«— É claro como agua, e p'ra entendel-o
«não preciso fazer mui longo estudo...»
«— Agora sim, mulher, comprehendo tudo,
«tão pequeninos são, que hão de fazer?

«Ó filha, vae buscal-os, 'stão sósinhos,
«se acordam vão ter medo, coitadinhos!...
«porque esperas Jenny? 'stás a tremer?

«É a alma da mãe que bate á porta,
«abra-se o lar do pobre aos desvalidos;
«serão filhos tambem, tambem queridos,
«e á noite aos meus joelhos treparão.
«Quando volte do mar, da minha lida,
«quero juncto dos nossos encontral-os;
«então Jenny, que disse? vae buscal-os,
«não ouves? tanto frio que terão!

«Vamos, anda... que esperas? Esse medo...
«Deus me dará mais peixe e nada temo;
«que sempre confiei no ser supremo
«e conservo no peito firme a fé.»
Então Jenny levanta-se e sorrindo
ergue a colxa que encobre os orphãosinhos
e diz: — «eu já trouxera os meus filhinhos,
«eil-os, eil-os ahi dos teus ao pé!

Portel, 1875.

UM CANTO

À

ILHA DA MADEIRA

(ao chegar)

À brisa era serena,
o sol no céu fulgia
e os raios reflectia
do mar no fundo azul;
em quanto que ligeiro
o barco ia cortando
as ondas, navegando
na direcção do sul.

Na vastidão do Oceano
vagava o olhar perdido,
scismando confundido
ao ver o mar e os ceus.
Essa grandeza augusta,
suspensa contemplava,
e no intimo adorava
a eterna mão de Deus.

Em breve tu surgiste
qual naiade encantada,
de verde engrinaldada,
banhando os pés no mar;
tu, formosa Madeira,
toda verdura e flores,
qual ilha dos amores,
gentil, de enfeitiçar!....

Que rico panorama
ao navegante off'reces,
quando ao longe appareces
da onda entre o crystal;
quando na serra altiva
se avistam arvoredos,
e entre erguidos rochedos
risonho e fresco val.

Tu és, ilha formosa,
mimo da Providencia,
que dás nova existencia,
rica de esp'rança e fé,
ao triste que teu seio
demanda enfraquecido,
que a força tem perdido
e no viver não crê.

Oh! como eu amo a brisa
que no teu seio aspiro,
eu sinto que me inspiro
aos raios do teu sol;
por isso canto agora
á luz da madrugada,
vendo a serra banhada
de magico arrebol.

As aves que ouço em torno
tem mais suave encanto,
tem notas como um pranto,
tem jubilos de amor;
oh! nos gorgeios candidos,
n'esse arrulhar sereno,
o goso brando e ameno
confunde-se co'a dôr.

São trinos que revelam
enlevos de ternura,
aqui, entre a verdura,
encanta-me o viver!
Oh! eu quizera sempre,
n'esta ilha, sósinha,
o cantar da avesinha
ouvir até morrer.

As aves lembram sempre
o espaço, o ether infindo,
ouço-as cantar sorrindo,
que eu sou ave tambem;
ave, que aspira o vôo
erguer á immensa altura,
mas que inda, mal segura,
implumes azas tem!

Quizera erguer-me altiva,
qual aguia, aos ceus voando,
do genio o vôo levando
ás gerações sem fim,
aspiram ao progresso
os vôos da minh'alma;
é febre que não calma
a que arde dentro em mim.

D'estes meus sonhos de ouro,
nas horas solitarias,
as impressões são varias
que eu sinto n'alma então,
mas sempre a idéa fixa
a que o pensar se volve,
só do porvir envolve
a eterna aspiração.

Embora percorrendo
por aridos caminhos,
rasgue os pés nos espinhos,
irei avante assim,
oh! quero a senda agreste,
que leva ao capitolio,
da poesia ao solio,
da gloria ao templo emfim.

No teu regaço eu venho,
entre encantadas sombras,
entre verdes alfombras,
gosar a creação;
e a lyra mergulhando
em ondas de poesia,
soltar entre harmonia
a voz do coração.

Oh! sim, o que eu quizera
é que no sopro alado
da inspiração levado
na voz dos hymnos meus,
da terra desprendido
o espirito se erguesse,
até que se perdesse
no seio do meu Deus!

Funchal, 1870.

AO PÉ DA LOUSA

NO CEMITERIO DAS ANGUSTIAS, CIDADE DO FUNCHAL

Á Excellentissima Senhora

D. MARIA J. MORÃO PINHEIRO

> Là, le songe idéal qui remplit ma paupière
> Flotte, lumineux voile, entre la terre et nous;
> Là, mes doutes ingrats se fondent en prière;
> Je commence debout et j'achève à genoux.
>
> *V. Hugo.*

Entrei na mansão da morte,
buscando a lousa gelada,
onde a cinza inanimada
repousa, de teus irmãos;
á sombra d'alto cypreste
achei a campa singela,
ajoelhei junto d'ella,
e rezei, juntando as mãos.

Lembrei-me então, ó Maria,
da tua viva saudade,
orei... e a doce amisade
minha oração inspirou,
jamais irmã carinhosa,
sobre o sepulchro fraterno,
uma prece ao Ser Eterno
com mais ternura soltou.

Inclinei humilde a fronte,
não sei o que em mim sentia,
uma voz intima ouvia,
voz que explicar não sei eu,
mas, repassada de crença,
vendo o pó que a lousa encerra,
não mais procurei a terra,
ergui os olhos ao céu.

Então notei que o cypreste,
que junto á lousa crescia,
em doce sombra envolvia
essa pedra tumular,
symbolico e mysterioso,
no vertice ponteagudo
com gesto solemne e mudo
a eternidade a apontar.

Ergui-me e colhi um ramo
d'essa arvore mysteriosa
que envio á mãe lacrimosa
que os ternos filhos perdeu;
é a rama protectora
que lhes cobre a fria lousa,
a cuja sombra repousa,
o pó que á terra desceu!

Eis cumprido o doce encargo
em que a minh'alma empenhada
levei á mansão sagrada,
orando alí com fervor,
junto áquella sepultura,
comprehendendo as vossas dôres,
orvalhei de pranto as flores
entre uma prece ao Senhor!

1870.

A MEU PRESADO MESTRE

O Excellentissimo Senhor

VISCONDE DE CASTILHO

A abelhinha voando entre a ramagem
no perfume das flores se embriaga,
do seu primeiro mel tributo paga
áquelle que seus vôos dirigiu;
assim, mestre e amigo, em pobre canto,
meu grato coração falla saudoso,
esta endeixa recebe carinhoso,
singela, como d'alma me sahiu.

SAUDADES

À beira do mar sentada
co'a viração vespertina,
sinto a inspiração divina
na mente debil pousar;
perdem-se ao longe meus olhos
das vagas na immensidade,
sinto prazer e saudade,
quero sorrir e chorar!

Este murmurio das ondas
melancolico e sentido,
exhala como um gemido
que a rocha repete além,
echo que inspira tristeza,
como o quebrar d'uma lyra,
parece que o mar suspira
na voz que solta tambem!

Poeta da Primavera,
cantor de eternos amores,
quem me dera entre estas flores
teus magos cantos ouvir;

n'esta praia solitaria,
ambos ao pé dos rochedos,
talvez do mar os segredos
podessemos traduzir.

Tu, co'a a fronte magestosa
do raio de Deus tocada
na tua lyra doirada
soltando etherea canção.
Eu humilde, absorta e muda,
buscando, em ousado intento,
seguir o teu pensamento
nas azas da inspiração.

Oh! mas eu canto sósinha,
da tarde á luz desmaiada,
Emquanto a escuma nevada
estende o alvo lençol.
Em vão busco outra harmonia,
além dos hymnos suaves
que soltam d'Africa as aves
ao despedir-se do sol.

E então desperta a lembrança
da terra que foi meu berço.
O coração sinto immerso
da saudade no amargor;

e ao leve sopro da aragem,
ouvindo o brando *papinho,*
envio ao meu patrio ninho
um doce canto de amor.

E á beira do mar sentada,
meditando silenciosa,
ouvindo a voz mysteriosa
da onda que geme aqui,
eu solto esta pobre endeixa,
que atravez da immensidade
te leve a viva saudade
que minh'alma tem de ti.

Funchal 1870.

QUE PENSAS?

Á Excellentissima Senhora

D. THEREZA DA CUNHA MENEZES

Que scismas, virgem quando a meiga fronte,
baixas com gesto anuviado e triste?
Acaso n'alma alguma vez sentiste
o agudo espinho da amargura atroz?
Porque? responde, no alvor da vida,
quando floreja a primavera em torno,
tu, embebida n'um silencio morno,
assim pareces meditar a sós?

Talvez á tarde, á beira mar sentada,
vendo entre as rochas deslisar a vaga,
sentes a pena que teu peito esmaga
trazer-te as ancias de um soffrer sem fim;

6

e entre o mysterio que a soidão envolve,
segredos contas á amplidão que escuta;
trava-se n'alma do martyrio a lucta
e a voz desprendes, suspirando, assim:

« Oh! como lembra na remota plaga
« o patrio ninho e o materno affago;
« as tristes faces de meu pranto alago
« lembrando as eras d'um melhor viver,
« nada ha que possa desterrar do peito
« funda amargura que lá dentro mora,
« por isso eu canto solitaria agora
« esta saudade que me faz soffrer!

« Ah! quantas vezes, n'um delirio ancioso
« procuro em sonhos um porvir ridente,
« quero tranquilla gracejar contente
« esp'rando a hora do regresso meu;
« debalde aspiro ao venturoso instante
« de me encontrar entre os maternos braços,
« chorando penso n'esses doces laços
« que a fria morte tão sem dó rompeu!

« Sim, vejo o vulto carinhoso e terno
« d'esse que a lousa nos occulta agora,
« e ao céu minh'alma com fervor implora
« na viva prece que lhe inspira a dôr;

«já que fugindo d'entre nós se gosa,
«da luz divina que só Deus concede,
«entre soluços meu soffrer lhe pede
«a santa benção do paterno amor.

«E ao céu erguendo os lacrimosos olhos,
«sinto um effluvio de ternura immensa;
«bemdita seja a piedosa crença
«que n'outra vida nos ensina a crêr;
«oh! sim, embora na espinhosa senda
«os pés rasguemos atravez do Horto,
«temos na fé celestial conforto,
«que além da campa nos fará viver!»

Bem hajas, virgem que em tua alma pura
guardas o culto do paterno affecto!
Oh! mas socega o coração inquieto
d'essa saudade que te punge assim;
se a doce crença que esse peito abraza
teu ser envelve no aspirar celeste,
crê que sua alma no Edem se veste
da luz da gloria angelical, sem fim!

E quando á tarde á beiramar sentada,
do alto mirante comtemplando as aguas,
sintas crescerem no teu peito as magoas,
horas lembrando de melhor viver;

as mãos erguendo, n'um impulso fervido,
em doce prece o coração exalta,
oração santa, que teu pranto esmalta,
incenso puro do teu doce crêr.

Então sublime e divinal conforto
sobre tua alma baixará; por certo,
que o Ser Supremo tem o seio aberto
á prece ardente que lhe envia a dor;
e a alma ditosa de teu pae querido,
os teus suspiros sem cessar ouvindo,
do céu á terra enviará, sorrindo,
a santa benção do paterno amor!

Funchal, 1870.

O CANTO DA ANDORINHA

EM UM HOTEL NO FUNCHAL

1.º DE JANEIRO DE 1870

Desperto á luz da aurora,
quando indecisa, e vaga
as estrellas apaga,
o sol apoz lhe vem,
ao ver o raio explendido
que a folha verde esmalta,
a inspiração se exalta,
quero cantar tambem!

Ao despontar de um anno
que radioso assoma,
a minha lyra toma
o encargo de o saudar,

e como as aves cantam
quando começa o dia,
a debil harmonia
aqui tento soltar.

Nós, como as andorinhas,
o ninho abandonando,
o mar atravessando
poisamos hoje aqui,
fugindo ás intemperies
da estação rigorosa,
gosâmos da amorosa
brisa que nos sorri.

N'esta especie de exilio
em que hoje nos achâmos,
familia nós formâmos
que deve unir as mãos,
e como as avesinhas
se ajuntam, formam bando,
nós hoje, aqui poisando,
somos todos irmãos.

Hoje que á idéa lembra
o nosso lar distante,
onde o carinho amante
por nós suspira além,

cantemos a saudade
que o peito nos esmaga,
e na africana plaga
suspiremos tambem!

Até que o bafo quente
da primavera amena,
co'a viração serena,
nos convide a voltar,
então, abrindo as azas,
á patria regressando,
o nosso alegre bando
veremos dispersar!

Mas sempre que na vida
possamos encontrar-nos,
havemos de alegrar-nos
ao apertar das mãos,
que na memoria impressa
teremos a lembrança
que uma aura de bonança
aqui nos fez irmãos.

CARIDADE

Recitada n'um concerto em beneficio do asylo
da Mendicidade da cidade do Funchal

L'ardente charité que le pauvre idolâtre,
Mère de ceux pour qui la fortune est marâtre,
Qui relève et soutient ceux qu'on foule en passant ;
Qui, lorsqu'il le faudra, se sacrifiant toute,
Comme le Dieu martyr dont elle suit la route,
Dira: — Buvez, mangez; c'est ma chair et mont sang.
Victor Hugo.

No vasto espaço d'esta sala explendida
deixae-me a furto modular um canto,
que grato empenho, tão sublime e santo,
que doce enlevo nos reune aqui;
são tudo flores que o recinto esmaltam,
flores mimosas d'este Edem da terra,
juntas ás d'alma, onde o amor se encerra,
bemvindas sejam... oh! crescei... flori!...

Notas sentidas d'inspirado accento
sobem aos ares, d'harmonia infinda,
tambem na festa a caridade é linda,
envolta em manto de explendente luz;
por toda a parte onde o sorriso espalha,
ora na sombra do mysterio occulta,
ora visivel, sempre, sempre avulta,
quando aos que soffrem vem doirar a cruz.

Santa virtude que desceu á terra
no doce effluvio da benção celeste,
mudando a sorte desditosa, agreste,
dos que na terra torturava a dôr;
a lei antiga que dizia aos homens
— a força é tudo, a oppressão domina —
a caridade com a voz divina
transforma em santo e fraternal amor.

Bemvinda sejas, clara luz que apontas,
nos horisontes do comfim da vida,
o doce premio que a luctar convida
vencendo as magoas que este mundo tem;
oh! caridade, do teu nome á sombra,
qnanta ventura se não gosa ainda;
bemvinda sejas, entre nós bemvinda,
que vens na terra diffundir o bem!

Tu, que nivelas o palacio á choça
quando, mãos largas a riqueza abrindo,
vae o orphãosinho roto e nu cobrindo,
e que ao faminto distribue o pão;
tu que implantaste essa sublime idéa,
que o rico e o pobre, por igual direito,
devem unir-se e abrigar no peito
o santo affecto do amor christão.

Tu que no mundo, qual rainha imperas,
na humanidade a maioria tendo,
ao teu bafejo vae o mal cedendo,
balsamo ás dores trazes sempre, oh! sim!
e a luz immensa que de ti dimana
diffunde em jorros o saber na terra,
e o egoismo com horror desterra,
até que um dia o vencerá por fim.

Agora mesmo que na Europa afflicta
soam os echos do estridor da guerra,
que o sangue em rios, alagando a terra,
vermelho lago vae formando apoz,
e que na angustia, cruciante e horrivel,
victimas tantas a desgraça esmaga,
emquanto o facho dos heroes se apaga
ante esta lucta de exterminio atroz.

Tu, caridade, os coffres teus abrindo
os mil thesouros da piedade espalhas,
pairas tambem no campo das batalhas,
sobre os feridos estendendo a mão,
e a terra inteira por ti só movida
ergue um soluço d'agonia immensa,
vigia inquieta, atribulada pensa
na infinda magoa em que esses povos 'stão.

Por ti unidos, n'esta sala explendida,
os que hoje escutam meu singelo canto,
sentem no peito o teu impulso santo,
e a mesma idéa nos reune aqui;
entre estas flores, que o recinto esmaltam,
vêde a innocencia associada agora,
é que em su'alma já tambem vigora
o santo fogo que emanou de ti.

Na flor da infancia, no alvor da vida,
na quadra alegre que o porvir encobre,
já se reunem p'r'accudir ao pobre,
que, santo exemplo, que lição de amor! . . .
desde seu berço a caridade aprendem,
e as almas abrem a essa luz celeste,
vivo realce por ti só lhes déste
ao ensinar-lhes a affagar a dôr.

Bemvinda sejas! oh! repito ainda,
alva açucena de celeste arôma,
astro que ao triste no horisonte assoma,
raio de amor que nos baixou dos ceus;
oh! sê bemvinda que o progresso ajudas,
com teus carinho affagando as dores,
que em vez de prantos só derramas flores,
que todos levas a pensar em Deus!

Funchal, fevereiro de 1875.

UM CONSELHO DE AMIGA

No album da Excellentissima Senhora

D. ANNA H. CORREIA HEREDIA

L'infortune en secret se nourrissant de pleurs
Saura qu'il est un Dieu témoin de ses douleurs,
Qu'il faut se résigner devant la Providence,
Et qu'il n'est jamais temps de perdre l'espérance.

M. J. Chenier.

Anna, tu queres que na branca folha
do album singelo meus conselhos grave?
pois bem, eu quero de uma voz suave
dar-te preceitos que é dever seguir,
a vida é breve, transitoria e vaga,
ao mundo ethereo o coração aspira,
apoz o exilio onde o mortal suspira
volta-se á patria de melhor porvir!

Eis o que escrevo, minha doce amiga,
n'esta lembrança de sincero affecto,
talvez que eu sinta o coração inquieto
bater mais forte quando fallo assim;
é que ha na vida mysteriosas dores,
tristes momentos de soffrer sem nome,
horas de magoa que o viver consome,
martyrio occulto e suspirar sem fim!

Mas breve as auras da ventura assomam,
breve um lampejo um coração anima,
divino sopro que nos vem de cima,
coando n'alma que animava a dôr,
e as sombras fogem que o viver toldavam,
e a doce crença o espirito concebe,
um raio d'ouro no porvir percebe,
brilhando ao longe com vivaz fulgor!

Oh! mas não digas que infeliz te julgas,
que magoa e pena só teu peito encerra,
maiores dores acharás na terra
n'alma d'aquelle que graceja e ri...
Oh! não te queixes, que o Senhor ao dar-te
cruel doença que te impede o goso,
foi p'ra comtigo, como pae, piedoso,
dando-te um anjo p'ra velar por ti!

Desde o teu berço teu viver cuidando,
só por ti só, o seu amor nutrindo,
por ti chorando, para ti sorrindo,
que mais poderas desejar Niná?
mais do que mãe, a Providencia iguala,
pois te dedica fervido carinho,
quem tem na terra tão suave aninho
de seu martyrio compensada está.

Mas ai d'aquelle que isolado e triste,
a magoa occulta no calado peito,
que de seus olhos, n'um raudal desfeito,
o pranto verte no silencio a sós;
que fôra d'elle se uma idéa santa
lhe não prestasse divinal conforto,
se emquanto geme do viver no Horto
não escutasse do infinito a voz?!

Oh! quantas vezes, palpitante o peito,
sonha venturas que gosar podia,
horas de crença que já teve um dia
no santo asylo que doirava amor,
e apoz lembranças de passadas eras,
vê-se o porvir enevoado e triste,
e se aos embates do soffrer resiste
é porque a fé ainda lhe dá valor.

Ainda ha venturas a esperar no mundo,
mesmo ao que vive solitario e ermo,
ha o doce enlevo de animar o enfermo,
o dar soccorro aos que soffrendo estão;
que importa a vida e o soffrer da terra,
que importam magoas que ao morrer se esquecem,
se as verdes palmas do martyrio crescem,
e o justo as leva á perennal mansão?

Oh! nunca chores pelas magoas proprias,
em holocausto sacrifica as dores,
cultiva n'alma da piedade as flores,
verás sorrir-te n'este mundo o céu,
quando velares o infeliz que soffre,
quando enxugares o alheio pranto,
um astro novo, radioso e santo,
no teu porvir despontará sem véu.

Eis meu conselho, se te apraz seguil-ó,
serás na terra, como eu sou, ditosa,
qu'importa seja a senda trabalhosa,
se apoz a lide se repoisa alfim?!
mas quando o pranto te assomar aos olhos,
quando sentires desmaiar-te a crença,
abre o teu album, com ternura immensa,
e este meu canto fallará por mim.

Funchal, 1871.

HORAS VESPERTINAS

No album da Excellentissima Senhora

VISCONDESSA DAS NOGUEIRAS

(Meditação)

Ha umas horas que indecisas passam
quando a luz debil do arrebol se apaga,
e na penumbra o nosso olhar divaga
por entre a sombra a imaginar visões,
são horas breves, de mysterio infindo
em que a noss'alma se concentra e pensa,
horas que encerram poesia immensa,
que dão á lyra divinaes canções.

Ao frouxo lume do arrebol da tarde,
não sei que brisa mysteriosa passa,
que a idéa vaga ao pensador enlaça
e a alma lhe vôa do ideal apoz,

quando em silencio, a meditar sentindo,
viva lembrança despertar na mente,
solta dos labios um suspiro ardente
onde se envolve da poesia a voz.

Então a mente na memoria aviva
passadas eras de melhor ventura,
sonhos de gloria, instantes de amargura,
doces momentes de esperança e fé.
Tanta saudade no rumor da brisa,
lagrimas tantas, no correr das aguas,
um certo encanto ao recordar das magoas,
um doce enlevo em que a noss'alma crê!...

Sim, que ha um laço que este mundo prende
ao mundo infindo, immaterial e ethereo,
onde se rasga a venda do mysterio
onde a luz brilha d'eternal fulgor,
e n'essas horas de silencio e calma,
n'esse repouso do lidar da vida,
tudo parece que a pensar convida,
lembrando instantes de prazer e dôr.

Então se evocam as lembranças vivas
d'esses que a morte nos levou da terra,
e os vultos caros que o sepulchro encerra
surgem de novo á vespertina luz,

d'além da campa se ergue a voz sentida,
que a vida ensina a comparar ao Horto,
onde sómente encontrará conforto
quem dê seu hombro voluntario á cruz.

E n'esse tempo que indeciso passa,
quando a luz debil do arrebol se apaga,
em outros mundos o pensar divaga
pelo infinito a imaginar visões;
são horas santas que o poeta inspiram,
em que sua alma se concentra e pensa,
que em si encerram poesia immensa
dando-lhe á lyra divinaes canções.

. . . .
. . . .

Foi n'essas horas que eu teci um canto
para deixar-te n'esta folha agora,
humilde c'roa que a amisade enflora
quizera em verso dedicar-te aqui,
mas pobre a lyra e diminuto o estro,
sómente posso, do meu nome acima,
d'esta affeição que hoje meu peito anima,
um testemunho consagrar a ti.

Funchal, 1870.

RESIGNA-TE

Á Excellentissima Senhora

D. MARIA JOSÉ INFANTE MATOSO

PELO FALLECIMENTO DE SUA FILHA

A Excellentissima Senhora

CONDESSA DA FOZ

Morte, hélas! et des bras d'une mère égarée
La mort aux froides mains la prit toute parée,
Pour l'endormir dans le cercueil.
Victor Hugo — Orient.

Ai! porque choro no meu canto agora?
porque meus hymnos em gemer se volvem?
que tristes sombras meu pensar envolvem!
que lucto e magoa dentro em mim senti!
Oiço o gemido, sem cessar, da angustia
em que se estorce um coração ferido,
e o som plangente do seu ai sentido
vou tristemente acompanhar aqui.

Que valem pompas e explendor da terra?
que importa o riso que se volve em pranto,
se d'este mundo o seductor encanto
n'um breve instante co'morrer se esvahe,
se a vida é sonho de amarguras cheio,
em que illudidos desde o berço vamos,
até que emfim o limiar achâmos
da eternidade onde a nossa alma vae?

Como a saudade dilacera o peito
quando a memoria no pesar se aviva,
chorando morta essa que ha pouco viva
era um enlevo de affeição geral!
Tanto martyrio que soffreu calada,
sempre risonho o angelical semblante,
aquella paz e mansidão constante
com que levava o seu soffrer fatal!

No alvor da vida, desposada ha pouco,
rica d'amores, d'esperança e brilho,
como feliz se lhe pintava o trilho
d'essa existencia, que illusão só é!
Ai como breve se esvahece o sonho,
deixando apenas a saudade n'alma,
agudo espinho, cuja dôr só calma
o santo allivio que nos presta a fé!

Era formosa, idolatrada e joven,
tinha nos olhos o fulgor celeste,
raio divino, que hoje em luz reveste
sua alma santa no explendor dos ceus,
no meigo rosto se espelhava clara
toda a virtude que em seu peito havia,
quem um momento seu semblante via
ficava serio a meditar em Deus!

Sobre esse leito onde o gentil involucro
d'ess'alma pura já sem vida pousa,
sobre os degraus d'essa gelada lousa
que vulto vejo a transbordar de dôr?
é o esposo afflicto que enlouquece á magoa,
que pede em vão o seu thesouro á terra,
que ali suspira onde o seu bem se encerra,
chorando extincta uma esperança em flor.

Mas ai! que longe e tão dos seus distante
a pobre mãe chora o perdido encanto,
dos tristes olhos nunca enxuto pranto
lhe corre em fio, a soluçar sem fim;
curvada ao peso de desgraça tanta
tendo su'alma retalhada e erma,
desanimada, solitaria, enferma,
seu soffrimento desabafa assim:

«Tinha dois anjos que o Senhor me dera,
«ambos formosos, d'attractivos cheios,
«mãe carinhosa, com amor criei-os,
«eram-me orgulho, f'licidade e paz.
«Candidas filhas, tão gentis e puras,
«ambas par'ciam p'ra viver fadadas,
«eil-as agora tão sem dó ceifadas,
«e uma apoz outra no sepulchro jaz!

«Eram as flores que da vida o horto
«me embalsamavam, ricas de fragrancia,
«meu doce enlevo desde a sua infancia,
«suave aninho a um coração de mãe!
«Tanta esperança que eu por ellas tinha!
«Tanta ventura no porvir sonhada!
«Ai! tanto sonho convertido em nada
«e hoje a minh'alma já porvir não tem!

«Ai que me fica sobre a terra agora,
«um vulto afflicto a par de mim chorando,
«por elle vivo, minha cruz levando,
«por elle ainda bate o coração!
«Arvores seccas que os rebentos viram
«ao rijo sopro do tufão quebrados,
«troncos que restam todos desfolhados,
«do nosso estado viva imagem são.

«Oh! filhas minhas!» Mas celestes echos
á dôr materna bradarão: — «Socega,
«tua alma soffre, e no pesar que a cega
«não vê fulgir-lhe o explendor do céu;
«ergue teus olhos á azulada abobada,
«busca os teus anjos na região etherea,
«lá 'stão em fórma fugitiva, aerea,
«porém mais tarde os gosarás sem véu.»

Pombas celestes, desprendendo o vôo,
ao throno santo do Senhor se ergueram,
do breve tempo que entre nós viveram
levam saudade, gratidão e amor.
Os doces laços da affeição não quebram,
viva memoria lhes conserva a mente,
candida prece soltarão ardente
aos pés do Eterno em vivido fervor.

Oh! sim, resigna-te e o teu pranto enxuga;
vive e na terra inda acharás sorrisos,
se ao triste o pranto transformando em risos,
em nome d'ellas praticando o bem,
sómente vivas dedicada sempre
a essa virtude divinal, celeste,
que o pão reparte, que os despidos veste,
e a todos ama, sem banir ninguem.

E um dia, finda esta romagem arida,
com que no mundo a nossa cruz levâmos,
chegada a hora em que o viver deixâmos
para ir a patria demandar nos ceus,
os teus dois anjos acharás contente
ao encarar o umbral da eternidade;
então dirás: — «fui toda caridade»
e ellas tua alma levarão a Deus.

Funchal, 1871.

UMA VIOLETA

A

J. C.

(Improviso)

Di memoire é questo un fiore
sacro al duol, sacro all'amore:
Pur negletto e senza nome
Non vedeasi un di bullar
D'una vergin fra le chiome,
Di bellezza in su gli altar.

C. Cantu.

No dia festivo do teu natalicio
cercaram-te ó virgem de flores mimosas,
cobriram teu leito de folhas e rosas,
com mil testemunhos de pura affeição,
eu só não dei nada, que o sêcco alegrete
da triste poetisa, grinaldas não tinha,
restava-lhe apenas humilde florinha,
singela violeta rasteira do chão.

É roxa, revela talvez a tristeza
que n'alma se occulta e o peito tortura,
mas inda, assim mesmo, é tão santa e tão pura,
que a deves no peito donzella guardar;
cresceu affagada d'uma aura ditosa,
floriu ao bafejo de tanta amisade,
que fôra por certo talvez crueldade
se a triste florinha deixasses murchar.

Talvez me perguntes se um symbolo encerra
a flor que d'est'alma arranquei para dar-te,
não quero em poesia o porvir apontar-te,
que pode o poeta nos sonhos mentir;
sómente amisade, carinho e ternura,
a flor symbolisa, que encerra o meu canto,
nasceu do affecto mais puro e mais santo
que eu posso no peito ó meu anjo nutrir.

Tão longe da patria, d'aquelles que anciosos
saudades suspiram talvez n'este dia,
cercarte de mimos minh'alma queria,
de ti affastando os tormentos da dôr;
pois crê que a teu lado, de ti só cuidando,
eu quero da vida aplanar-te o caminho,
só dar-te sorrisos, consolo e carinho,
que em mim só encontres ternura e amor.

Funchal 1871.

ADEUS

Á

ILHA DA MADEIRA

Vou deixar-te, cidade de flores,
é já tempo, reclama-me o ninho,
abro as azas, retomo o caminho,
a andorinha regressa ao seu lar;
porém levo na mente gravada,
como grata e suave miragem,
de teus campos a rica paizagem
que não hei de jámais olvidar!

Este aroma que o ar embalsama,
estas auras de immensa magia,
o teu céu, que inspirava a poesia,
e estas flores que encantos só tem,
oh! prometto de nunca olvidal-os,
muito embora outros ceus de ventura,
outros campos de eterna verdura
possam vir affagar-me tambem!...

Oh! jámais riscarei da memoria
essas horas d'enlevo e d'encanto,
quando a noite estendia o seu manto
e as estrellas fulgiam no céu;
e eu sentada na praia scismando,
escutava do mar o gemido,
como o grito de um peito dorido
a que um sonho de amor respondeu!

Vou partir! quando a nave ligeira
d'estas praias se affaste serena,
contemplando tua margem amena
inda um hymno por ti soltarei,
entre o pranto que verte a amisade,
de que levo tão grata lembrança,
d'este asylo de paz e bonança
para sempre talvez partirei!

E ao deixar-te, cidade de flores,
regressando de novo ao meu ninho,
um olhar de ternura e carinho
fitarei nos teus magicos ceus;
e ao perder-se por fim, na distancia,
para sempre esta margem querida,
soltarei da minha alma sentida
com saudade o meu ultimo adeus!

Funchal, 19 de maio de 1871.

A UMA CAVEIRA

PHANTASIA

(ZORRILHA)

> «¿ Conoces á ese hombre?
> — No por cierto.
> — Mirale bien, y tomale las señas.
> — Impossible. Lleva una mascara tan impenetrable como las tinieblas.»
>
> *F. Cooper.*

Eis-te ahi, ó segredo da existencia,
tremendo desengano d'esta vida,
cifra, quando fatal, desconhecida,
que jamais foi possivel comprehender.
Geroglifico audaz, mysterio immenso,
onde a verdade do porvir se encerra,
que abandonou no limiar da terra
quem desertou dos portos do viver.

Eis-te, com teu ironico sorriso,
teus olhos cavos e tua fronte lisa,
esperando talvez a ultima brisa
que os povos leve á sepulchral mansão;
oh! quem és tu, caveira abandonada,
credito do que foi, prenda perdida,
que por ser já por outro possuida
quem te quizesse buscarias em vão.

Foste formosa, idolatrada e joven?
Foste grande, feliz, rica e temida,
ou passaste o viver desconhecida
mendigando o sustento entre baldões?
Se foste rei onde deixaste a purpura,
o explendor do teu solio e a realesa?
Quem vem hoje abonar a tua grandeza,
teus nobres pergaminhos, teus brasões?

Acaso alguma vez palidos monges
entre funebres psalmos te levaram,
sobre negro athaude te pousavam,
na éça da sombria cathedral?
e soando no ar lugubre sino,
dobrando pelos vivos que morreram,
sabes tu se essas almas concorreram
aos échos d'esse dobre funeral?

E tu não rias, contemplando em torno,
n'essa morada que o mysterio encerra,
tantas cabeças, que mais tarde a terra
em caveiras tambem devia volver?
não te alegrava, entre essa pompa lugubre,
entre esse fausto que o orgulho apresta,
povos e reis e musica, na festa,
ali comtigo reunidos ver?

Quando á funebre luz das tochas palidas
das aras no metal te reflectias,
encarando teu vulto não te rias
seus horridos contornos vendo ali?
e revolvendo os velhos pensamentos,
se acaso pensamentos te deixaram
os vendavaes e as chuvas que passaram,
dize-me que pensaste então de ti?

Aquella linda joven que escondia
os alvos dedos, de marfim moldados,
entre os negros cabellos annelados
que affagavam seu rosto virginal,
seus olhos d'aseviche procurando
as vistas do mancebo irreverente,
e as rosas do pudor que vivamente
brotavam n'essa face angelical.

Aquella joven buliçosa, inquieta,
cingida a fronte de mimosas flores,
que, até no templo, suspirava amores,
no doce enlevo de ideal paixão,
eil-a a teus olhos descarnada e sêcca,
dormindo em frio enregelado leito,
e o lindo corpo, já em pó desfeito,
na eterna sombra da final mansão.

Grande cousa ha de ser, do alto da eça,
ver, rojando no pó, ali reunida
a grande multidão que n'esta vida
se revolve no abysmo das paixões;
grande cousa, por certo, em rijos dobres,
chamar o povo aos mysteriosos lares,
armar janellas, enlutar altares,
accender cyrios, preparar brandões!

E toda a mocidade luxo e pompa
que vegeta na terra descuidada,
chamal-a ali a celebrar seu nada
entre os aprestes de funereo dó;
ver reis e povos inclinando a fronte,
cabisbaixos, co'o gesto humilde e quêdo,
cheio o covarde coração de medo
ante os horrores do gelado pó.

Ah! que gosto que é ter em uma farça
o principal papel, a voz primeira,
e em rico funeral ser a caveira
que domina orgulhosa a multidão!!
Oh! que prazer ver os gentis mancebos
humildes, meditando no seu nada,
damas em cuja face desmaiada
reflecte a triste luz que os cyrios dão!

No vasto enxame que ao redor se agrupa,
encarando-a co'os olhos lacrimosos,
são mais ainda aquelles que, medrosos,
estremecem á idéa de morrer.
Que ventura esmagal-os no seu nada,
co'essa idéa de morte que os assombra,
e do ataúde entre a calada sombra
d'essa turba insensata escarnecer!...

Grande c'roa imperial, rico diadema,
o lugubre capuz que o morto enfeita,
e n'essa habitação sombria e estreita
envolver-se em miasmas sepulchraes!
Grave festa terrena! regia pompa
onde vamos ao som de tristes dobres,
entre soluços vãos, ricos e pobres,
cantar os nossos proprios funeraes!

D'esse recinto no fatal vestibulo,
como um echo profundo de ironia,
soam os brindes, o rumor da orgia,
da humana bachanal entre o festim;
e o seu somno de gelo perturbando,
te convidam, talvez por um momento,
a levantar o craneo macilento
e ao mundo inteiro responder assim:

« No cego enlevo em que embrenhado vives
« ri, miseravel, folga, bebe e dança,
« que eu sou teu fim, tua derradeira esp'rança,
« o termo do teu pranto e do teu rir!
« Em vão, n'esse anhelar de idéas loucas,
« a mente em sonhos de prazer se embala,
« um momento virá que a despertal-a
« surja o negro phantasma do porvir.

Ás vezes não te ris, triste caveira?
Não desejas n'um baile entrar contente,
surgir nas aureas salas de repente
e a uma bella off'recer a sêcca mão,
agitar o esqueleto em louca dança,
com teus ossos cingir uma cintura,
d'essa bocca sem labios, feia e escura,
oscular as formosas na funcção?

Porque se foste delicada joven,
de meigos olhos pelo amor inquietos,
o doce mel de fervidos affectos
sem duvida gozaste alguma vez;
e na fria mansão talvez te lembrem
momentos de ventura que fruiste,
quando aquelle por quem paixão sentiste
veio ebrio de amor cahir-te aos pés.

Ou se foste senhor altivo e nobre,
d'esses loucos mancebos seductores,
que mudavam em duelos os amores
vertendo o sangue co'a arrojada mão,
tendo talvez assomos de bravura,
sintas de brio a ossada estremecendo,
e as mirradas phalanges inda erguendo
espada ou lança buscarás em vão.

Se escravo foste ou infeliz mendigo,
talvez em sonhos o prazer buscaste,
e dos nobres e reis ambicionaste
com inveja a riqueza e o explendor;
ou quem sabe se austero penitente,
lá d'entre a solidão do teu retiro,
lançaste temerario algum suspiro
do pobre coração ermo de amor.

Oh! não desejas regressar ao mundo
engrinaldada, facil e ligeira,
e de repente a palida caveira
entre as luzes da festa descobrir?
e que te falta para bem tamanho,
essa pelle mimosa e delicada
que o segredo fatal do nosso nada
vem de um veu transparente recobrir?

Ah! mas que importa a pelle, debil manto
que a terra dá ao despontar da vida?
Para melhor ser vista vem despida
folgar entre as bellezas no salão!
oh! vem a delirar onde delirem,
e serás a verdade a quem adorem
quando vendo seu fim clamem e chorem
despertando afinal do sonho vão.

O espelho tu serás onde se vejam,
que do nada a imagem lhes off'rece,
emquanto que o delirio se esvahece
e a severa rasão recobra o ser,
altiva brinda quando brindem todos,
jura, blasphema, a orgia presidindo,
até vêl-os por fim ebrios cahindo
p'ra do anathema á voz tornar-se a erguer.

Andrajo que o homem deixa
para que o mundo ao passar
por alcatifa lh'o tome,
firma fatal cujo nome
não se póde soletrar.

É certo, livido craneo,
que, em mais feliz estação,
para ti sahiu do nada
a natureza adornada
das galas da creação?

É certo que, em outros tempos,
com outra face, outra tez,
como eu vivo tu vivias,
como eu rio tu sorrias,
alheia a essa mudez?

Que n'esses concavos fundos
raiou da vida o fulgor?
Que ali, dois olhos luzentes,
vivos, inquietos, ardentes,
fallaram talvez de amor?

Que na face carcomida
Brilhou outr'ora o carmim;
na tua infancia singela,
quando a fronte era alva e bella
e a cutis como setim?

Essa bocca hoje deserta
já sem fórma nem calor,
que só de a ver horripila,
podeste algum dia abril-a
soltando fallas de amor?

E os rubros ardentes labios
abrasados de paixão,
no transporte do desejo,
pediram acaso um beijo
em hora de inspiração?

Talvez foste austero e sabio
que o tempo vias passar
sombrio e meditabundo,
buscando avaro no mundo
venturas em vão gosar?

Talvez senhor, potentado,
em castellos e jardins,
viveste torpe e leviano
entre esse tropel mundano
dos impudicos festins.

E esse mundo onde viveste
sabio, amante, louco ou rei,
Aqui te trouxe, e zombando
diz: — «fica ahi descansando
«cadaver, que essa é a lei!»

Da tua historia passada
oh! nada nos deixa ver,
além da face immutavel,
tua masc'ra impenetravel,
impossivel de romper.

Essa vereda que aponta
da eternidade o comfim,
teu gesto immovel a escuda,
e jaz envolta na muda
e immensa duvida enfim!

E o altivo pensamento
ai! vem encontrar-se aqui
com esse teu gesto austero
que é um guardador severo
do que existe além de ti!

Na mente, vaga, entretanto,
os pensamentos então
se cruzam, e loucamente
fazem surgir de repente
idéas que sonhos são.

N'esse teu palido vulto
ai! todos vem expirar,
qual fonte que em murmurío
vae do arroio para o rio,
e do rio para o mar!

Debalde a vida enganada
se conspira contra ti,
oh! desdenhosa caveira,
que tudo ante essa barreira
se desvanece por si.

N'essa cerviz já curtida
do halito do tufão,
pelo tempo descarnada,
cuja vida inanimada
sol nem tempo lhe darão.

Na vista vaga, indecisa,
sem luz da vida a fulgir,
e na descarnada, inteira,
sêcca e palida fileira
d'esses dentes a sorrir.

E ahi estás no pó envolta,
sem que te queira ninguem,
inutil prenda perdida,
que não será recolhida
embora te encontre alguem!

Se aquelle a quem pertenceste
aqui voltasse... meu Deus!
achando-te entre os escombros,
que transportes e que assombros
seriam então os seus!

Oh! se um dia a face erguendo
quizesses ainda ostentar
tua belleza perdida,
e co'a apparencia da vida
teu gesto horrendo occultar!

Em cabelleira postiça
a calva fronte envolver,
que a madeixa assetinada
te viesse perfumada
o colo sêcco esconder.

E o teu sonoro esqueleto
velasses altiva, tu,
qual delicado thesouro
entre nacar, per'las e ouro,
entre brilhante tissu!

E a descarnada omoplata
sob o setim occultar,
por sobre tudo lançando
veus de blonda semelhando
a leve escuma do mar.

E esse gesto repugnante
assomasses a um festim
para ver como, no espelho,
teu semblante feio e velho,
com esse riso sem fim!...

. . . .
. . . .
. . . .

Se acaso rei já sem throno
te lembrasses de voltar
para ver onde enterrado
jaz o exercito arrojado
que levaste a pelejar!...

Se do pó onde se envolve,
d'esse aberto mausoleu,
teu povo morto evocáras,
lá no campo onde expiráras
quando o combate se deu...

E á tua voz portentosa
despertando tudo então
o teu povo com assombro
tomasse o arnez ao hombro
e a rija lança na mão!...

Oh! que terrivel congresso,
que horrivel, confuso som,
ver tanto esqueleto armado,
junto de um rei convocado
nos umbraes do pantheon!

E se errantes começassem
o universo a perturbar,
combatendo-se potentes
com clamores insolentes
a impia guerra a proclamar!...

....
....
....

Ai! delirios são da mente
que não comprehende, Senhor,
os segredos insondaveis
de que foste creador.

Nos dias tumultuosos
da minha dôr sem igual,
meditei desesperado
no recinto sepulchral.

Passei de campas a campas,
meu porvir ali busquei,
e em todas, Senhor, em todas,
sómente pó encontrei!...

Em todas, essa sentença
que cae sobre quem nasceu,
desde esses gestos immoveis,
da morte horrivel tropheu!...

Em todos esses despojos
quedos, sem vista nem voz,
em cujo sorriso eterno
de complacencia feroz.

Em cujo todo espantoso
soletramos com horror
a triste palavra—nada—
confundidos de pavor.

É este, Senhor, o homem
que os altos decretos teus
para imitar-te fizeram,
um ente digno de Deus?

É esta, Senhor, a vida,
que em terrivel maldição
nos carcome quanto bello
nos veio da tua mão?

Ah! então de que nos serve
que o sol brilhe com ardor,
e os véus da noite argenteie,
da lua o mago explendor?!

De que serve que nos bosques
da aurora ao mago arrebol,
deslace um brando gorgeio
o saudoso rouxinol?

Que as arvores rumorejem
do zephiro ao perpassar,
e abra a flor seu doce calix
para a frescura aspirar?

Que importa que sobre a areia,
passe o arroio fugidio,
de galas vestindo o prado
na primavera e no estio?

E co'as per'las transparentes
banhando a relva gentil,
a aveludada alcatifa
que borda o risonho abril?

Que importa que o mar se irrite
bramindo como um leão,
e os escarceus lhe levante
revoltado o aquilão?

Qu'importa que em clara noite
scintille o astro do sul,
que leve rosada nuvem
cruze linda o céu azul?

Se afinal este universo,
esta infinda creação,
é o Pantheon immenso
de uma immensa geração.

De que serve a essa caveira
ter vivido no explendor,
ter praticado a virtude
ou curtido amarga dôr;

se o homem que a sustentava,
quando esta vida deixou,
como uma mascara inutil
despeitado a abandonou?!

Em vão lhe pergunto, tremulo,
quem n'um ossario a lançou,
se brazões, gloria ou infamia,
cá n'este mundo gosou.

Seu olhar vago me espanta,
seu riso me causa horror,
e a bocca immovel e muda
côa-me n'alma o pavor!...

Que espera? talvez o ignora
ao ar e ao sol ficou,
sorrindo-se eternamente
de quanto passa e passou.

A beira d'essa vereda
que conduz aos mausoleus,
dizendo a todos que passam
com sorriso eterno: — adeus! —

Á NOITE

Á

VIRGINIA BLANC

Scismo á janella assentada,
co'a mão na face encostada
ao peitoril,
co'a brisa a rama estremece,
mais que de julho parece
noite de abril.

Não sabes tu no que eu penso,
vendo ao longe o campo immenso
todo a alvejar;
á luz argentina e pura,
que espalha com maga alvura
brando luar?

Aqui n'esta soledade
penso na infinda saudade,
dom tão fatal.
Ai! saudades! n'alma havel-as
é uma desgraça... e não tel-as
é maior mal!...

Tenho defronte, innundado
da luz da lua, banhado,
todo o jardim;
vem o perfume das flores
co'as auras dizendo — amores —
chega até mim!

Do vento ao sopro arrancadas
as folhas do sol crestadas
sinto cair!
Ai! que as folhas desprendidas
são como illusões perdidas
no existir!

Mas entre as plantas mimosas
e as frescas ramas frondosas
um cedro, além
ergue-se, e a verde ramagem
d'um martyrio co'a folhagem
vestida tem.

As ramas e o tronco annoso
cobre de um roxo mimoso
flor de paixão,
d'entre os verdes ligamentos,
a custo, os novos rebentos
rompendo vão.

Ah! eis a imagem d'um ente
que no intimo d'alma sente
amarga dôr;
essas ramagens viçosas,
não são grinaldas de rosas
fallando amor!

São os martyrios que emblema
de dôr e magoa suprema
apenas são,
imagem de um desgraçado,
que tem o espinho cravado
no coração!

Eis o que eu scismo sonhando
co'a mão na face, encostada
ao peitoril;
e emquanto divaga a mente
ouço ao longe de repente
canto infantil.

Na voz que o vento trazia,
singela canção se ouvia,
puz-me a escutar;
era uma endeixa entoada,
junto de um berço cantada
a accalentar.

« Ai dorme, dorme innocente,
« que tua irmã não te mente,
« logo tens pão;
« a mãe da ceifa regressa,
« dorme irmãsinha de pressa,
« não chores, não! »

Eis o que o viver off'rece
cantar junto ao que padece,
para illudir.
Que risos, canções amenas,
vem occultar-nos as penas
do existir!

Não quero mais 'star sentada
ao peitoril encostada
a meditar;
que saudades, cedro e canto,
fizeram-me soffrer tanto
que vou chorar!

Julho de 1871.

A CRUZ DA ESTRADA

A

MADAME DE GERANDO

(Traducção)

> Tu riconduci alla nativa stella
> per ignoto cammino
> L'alma, gia dal dolor fata piu bella
> A te vicino.
>
> *G. Poggiolini.*

Eu gosto de ver á tarde,
quando em flor abre a roseira,
vir poisar da estrada á beira,
sobre o choupo um rouxinol,
que veiu buscar sustento
para a ninhada mimosa,
e agora canção saudosa,
trina alegre ao pôr do sol.

Eu gosto da madresilva,
o vallado engrinaldando,
e o caminho alcatifando
das folhas de rubra côr,
dizendo que foge o inverno
ao sopro da primavera,
e que a natureza espera
d'abril um beijo de amor.

Eu gosto de ver na estrada
essas variegadas côres
do tapete de mil flores
do prado lançado aos pés.
Que sem arte a natureza
aos infelizes off'rece,
onde tambem transparece
a divina mão que o fez.

Eu gosto de ver o arroio
junto á estrada deslisando,
seus rodeios occultando
sob a rama do juncal,
que da tarde no silencio
murmura timidamente,
emquanto leva a corrente
suas bôlhas de crystal.

Eu gosto de ir pela estrada
distrahida passeando,
de tempo a tempo encontrando
o rebanho e o pastor,
ouvindo a flauta campestre,
e o ladrar do cão rafeiro,
acompanhando o ceifeiro
que volta do seu lavor.

Mas eu prefiro o cruzeiro
que está no meio da estrada,
simples cruz, de pau formada,
erguida em tosco poyal,
onde a joven segadora,
quando vae para o trabalho,
depõe, banhada de orvalho,
a humilde rosa do val!

A flor murchará crestada
do raio do sol ardente,
o rebanho brevemente
para longe partirá,
tudo morre, passa ou foge
co'a andorinha pressurosa,
e sobre a pedra musgosa
sómente a cruz ficará!!

Tudo na estrada varia,
mas o céu fica constante,
a dizer ao viandante
— sempre, sempre o mesmo sou! —
e o coração que se estorce
da duvida na agonia,
sente effluvios de alegria
se uma cruz na estrada achou.

Passa rapido o murmurio
d'essa aragem fugidía,
do amor que dura um dia
e que tão breve se esvahe.
E ao pôr do sol da existencia
a alma desenganada
junto á humilde cruz da estrada
co'a fronte pendida cae.

Quando á beira do caminho
chegâmos, co'os pés rasgados,
peregrinos, fatigados,
que persegue o vendaval,
exhaustos pela agonia,
buscâmos seguro asylo
d'esse cruzeiro tranquillo,
sobre o relvoso poyal.

À beira do meu caminho
oh! cruz, eu quero encontrar-te,
meus olhos hão de buscar-te
das lagrimas atravez.
Tu me apontas o futuro,
dando supremo conforto
ao coração semi-morto
que vem rojar-se a teus pés.

Tu me dirás: — «se tu'alma
«isolada e compungida
«vê triste correr a vida,
«do mundo no turbilhão;
«eu tenho os braços abertos,
«n'elles sem medo te lança;
«oh! vem que eu sou a esp'rança
«e o symbolo do perdão!»

A beira da estrada a todos
assim falla a cruz singela,
o pobre e o rico vela,
cobrindo-os co'o mesmo veu,
e sobre as almas derrama
sua influencia bemdita,
pois todo o ser que palpita
ou padece ou padeceu!

Portel, 1875.

21 DE JULHO

Á

D. AMELIA BATALHA CAMPOS

(Improviso)

Rompe a manhã, despertou-me
o desejo, amiga minha,
de imitando uma avesinha
em seu brando gorgear;
com suave e meigo arrulho
no teu dia natalicio,
mandar-te um canto propicio
que me soubeste inspirar.

Quizera, airosa grinalda,
ou fresca e virente palma
tecer-te co'as flores d'alma
no meu singelo cantar,
mas ai! que o sopro abrasado
queimou-lhe as folhas de neve,
por isso flores não teve
meu canto p'ra te offertar.

Digo então na rude phrase,
que embora rude é sincera,
gosa a tua primavera,
vive, folga e sê feliz,
'stás na idade da esperança
quando tudo ri sereno
á luz d'esse sol ameno
das illusões infantis.

A vida as portas franqueia
aos sonhos da mocidade,
não suspires de saudade
que ainda tens um porvir,
o dever é só p'r'aquelles
a quem magoas prematuras
mudaram em amarguras
os sonhos do existir.

E se na vida aprecias
encontrar um ente amigo
que sympathise comtigo,
que leia no seio teu;
volve teus olhos e ao veres
o meu rosto satisfeito,
aperta-me contra o peito
que essa amiga serei eu.

1873.

ILLUSÕES PERDIDAS

Á Excellentissima Senhora

D. ANTONIA JOSEPHINA CASTRO

(ao correr da penna)

Hojas del arbol caidas
Juguete del viento son,
Las ilusiones perdidas
Ay! son hojas derprendidas
Del arbol del coranzon.

Espronceda.

Quem pede cantos á lyra,
chorando o rigor da sorte,
e crê caminhar p'r'a morte
perdidas as illusões?
É talvez um ser decrepito
que no decurso da vida
viveu da luta renhida
do combate das paixões?

É talvez alma que, afflicta,
o viver cruzando anciosa,
encontra a senda escabrosa,
difficil de atravessar,
que as phases da humana vida
no breve curso dos annos,
entre acerbos desenganos,
viu em magoa transformar.

É talvez! . . . mas não, que eu vejo
n'essa fronte tão descrente,
o vivo raio fulgente
que emana da eterna luz,
não creio n'esses lamentos,
debalde formúlas queixas,
não serão minhas endeixas
Cyrinneu da tua cruz.

Em vão dizes ter o peito
descrente e dilacerado,
pela dôr esphacelado,
d'illusões deserto e nu.
É delirio hoje da moda
em que pecca a mocidade,
emquanto que na verdade
outros soffrem mais que tu.

Que tens passado na vida?
ao deixar da infancia o berço,
encaraste o universo
por um prisma encantador;
de uma familia extremosa,
tiveste o affago, o carinho,
nunca te falta o aninho
de tão puro e santo amor.

Que buscas? o complemento
da f'licidade na terra,
o affecto onde se encerra
da ventura o fructo e a flor,
um coração que comprehenda
tu'alma completamente,
que te volva outra vez crente
ao raio do seu amor.

Has de encontral-o, eu sou fada,
faço em verso a prophecia,
has de recobrar um dia
as illusões do existir,
quando encontrares um ente
de meiga ternura infinda,
e possas sonhar ainda
na ventura do porvir.

Deixa as illusões perdidas
para os que vivem calando,
que o riso sempre mostrando
occultam no peito a dôr,
esses que viram fugir-lhe
para sempre a f'licidade,
a quem só resta a saudade
de um tempo que foi melhor.

Deixa descrer da existencia
quem viu seu tepido ninho,
todo alegria e carinho,
desfeito pelo tufão;
a quem na flor de seus annos
viu sumir no nbysmo escuro,
a estrella do seu futuro
e a fé do seu coração!

Quem viu cair, folha a folha,
ao rijo sopro inclemente,
o ramo d'alma virente
que apenas brotára a flor;
horas de tanta esperança,
sonhos de tanta ventura,
trocados em amargura
em longos annos de dôr!

Mas que é isto? Jeremias,
propheta de antigos tempos,
não fez de seus contra-tempos
tamanhas lamentações!
Ai! é quasi choradeira
e eu vou acabar o canto
pondo termo por emquanto
ás minhas pobres canções.

Amiga, se ris acaso
ao ler o que deixo escripto,
sentil-o-hei infinito,
pois disse mais do que quiz,
correu a louca da penna,
e ápoz ella o lamento,
trahiu o occulto pensamento
de um'alma pouco feliz!

Mas que importa? eu rio e em torno
de mim espalho a alegria,
com as flores da poesia
engrinaldo a minha cruz;
embora tenha perdido
as illusões do futuro,
e o porvir me seja escuro
sem ter um raio de luz.

Contento-me em ver a dita
d'esses a quem a amisade
me liga com lealdade,
por elles tenho illusões;
que se a minh'alma não guarda
sonhos de ventura e crença,
pode ter a dita immensa
de alimentar affeições!

1874.

PORQUE?

á Ex.ma Sr.a

VISCONDESSA DA RIBEIRA BRAVA

> Quand des ans la fleur printanière
> S'effeuille sous les doigts du temps,
> Poursuivons gaiment la carrière,
> Un bel hiver vaut un printemps.
>
> *Désaugiers.*

Porque entre o negro azeviche
da madeixa assetinada
vejo uma luz prateada
de vez em quando brilhar?
É o nuncio da velhice
que já nas tranças se enlaça,
que fatidico ameaça
com seu sinistro alvejar?

É o bafo do sepulchro
que enregela e torna inerte
o coração, e converte
o riso apenas em ais?
É o sopro da descrença
que, as illusões desfolhando,
vae a vida transformando
em um ermo e... nada mais?

Oh! não, a luz que despedem
esses fios alvejantes
são os raios fulgurantes
d'uma transfiguração,
é quando começa a alma
a dar valor á existencia,
quando recresce a sciencia,
quando se fórma a rasão.

Porém a mim que me importa
ter alvas cans n'esta fronte?
Tambem tem gelos o monte
e apoz rebenta o verdor,
que importa que inda tão cedo
alvejem, se n'esta idade
do viço da mocidade
inda sinto o almo frescor.

Tudo no mundo é sophisma,
sonho vão que nos illude,
os maus fingem a virtude,
a mentira tem brazão;
que importa então a apparencia
que tem as cans prematuras,
se sob aquellas alvuras
arde em chamma o coração?

Ah! sim, os veios de prata
que as negras tranças esmaltam
talvez na mente me exaltam
de quem me dedica amor,
são filhos do pensamento,
nasceram de mil cuidados,
foram de prantos regados
em transes de muita dôr!

Revelam horas passadas
em vigilias dolorosas,
epochas angustiosas
de longo e fundo soffrer;
são lyrios brancos nascidos
n'uma noite de tormenta,
e que a rajada violenta
deixou ali a pender.

Oh! são a aureola formada
pelos martyrios da vida,
e uma fronte encanecida
inspira respeito e amor,
porque á mente surge a idéa
de que talvez a amargura
mudasse n'essa brancura
a antiga e formosa côr!

E se acaso o amor invade
o coração sob os gelos,
que sentimentos tão bellos
d'ali dimanam tambem!...
Que em vez d'esse fogo fatuo
que exhala terrivel chamma,
quando a mulher assim ama
é irmã, esposa e mãe!...

1870.

DESPERTA

À MINHA AMIGA

D. JOANNA GIL

Rie y canta mientras dura
la frescura,
y la pompa de tu abril,
Mientras luce claro el dia
vida mia!
De tu fortuna infantil.

Zorrilla.

Dormes, anjo da minh'alma,
do bulicio retirada,
brandamente reclinada
no teu leito virginal,
emquanto co'as azas candidas,
teu brando somno cobrindo,
o anjo da guarda sorrindo
baixa a fronte divinal?

Da lamparina indecisa,
á frouxa luz vacilante,
vejo-te o meigo semblante
de purissima expressão;
e os scintillantes reflexos
de teus doirados cabellos,
tão annelados, tão bellos,
enfeitiçando-me estão.

Que sonhas virgem? que sonhas,
quando a fronte nacarada,
sobre a alvissima almofada,
poisas em brando dormir,
quando as breves mãos cruzando
sobre o seio alabastrino,
como em sonho peregrino
deixas um suspiro ouvir?

Que sonhas, dize, querida?
acaso essa alma innocente,
vaga pelo ethereo ambiente
nas azas de um cherubim,
e ás regiões do invisivel,
o ousado impulso levando,
vae o infinito buscando
n'aquelle vôo sem fim?

Talvez o espirito livre
o corpo deixa um instante,
e vae a um mundo distante
beber torrentes de amor;
emquanto que em paz repousa
a materia adormecida,
tu buscas a eterna vida
no seio do Creador.

Anjo, entretanto que o espirito
em ondas d'ether vagueia,
quando a alma se incendeia
na chamma da aspiração,
eu, com ternura indisivel
velo o teu somno innocente,
e a teu lado, brandamente,
modulo debil canção.

Mas já desponta risonha
a luz da aurora serena,
vem a madrugada amena
co'o porpurino arrebol,
as rosas abrem seu calix
soltando o aroma precioso,
e entre a ramagem saudoso
já gorgeia o rouxinol.

As pombas em brando arrulho
parecem dar-te os bons dias;
transborda mil harmonias
a natureza louçã;
a brisa solta um suspiro,
e o sol brilhante reflecte,
que um bello dia promette,
na clara luz da manhã.

Vamos, anjo idolatrado,
que estás n'um sonho embebida,
volve de novo a esta vida,
a este mundo de dôr,
que assim as horas se passam,
e pela noite esquecemos
o que de dia bebêmos
do calix d'agro travor.

Desperta e canta, são echos
essas tuas melodias,
das divinas harmonias
da etherea e pura mansão;
desperta e sobre meus labios
imprime um beijo fraterno,
pagando o amor interno
que inspirou esta canção.

Desperta, é rapida a vida,
dever sagrado nos chama,
que em santo amor nos inflamma,
convidando a trabalhar;
entretanto reunidas
o trabalho esmaltaremos,
e flores off'recemos
da gloria ante o sacro altar.

Sim, que por missão divina,
amar devemos a sciencia,
dando ingresso á intelligencia
no templo da eterna luz;
e apoz uma idéa santa
a mente em fogo embebida,
vae buscando o amor e a vida
até mesmo aos pés da cruz!

AVANTE, POETA!

LENDO OS DEVANEIOS E CRENÇAS

do Excellentissimo Senhor

DR. A. CARDOSO SILVA JUNIOR

Merci poète! au seuil de mes lares pieux,
Comme un hote divin tu viens et te dévoiles,
Et l'auréole d'or de tes vers radieux
Brille autour de ton nom comme un cercle d'étoiles.

Victor Hugo.

Nas verdejantes sombras do Bussaco,
á hora do calor, sentei-me um dia,
nas maõs o livro aberto attenta lia,
e uma alma de poeta achei ali;
Devaneios e crenças encontrando,
entre primicias d'alma, flores puras,
visões do céu, sonhadas amarguras;
esqueci-me do mundo emquanto li.

Era a primeira endeixa branda, amena,
um canto d'inefavel suavidade
inspirado na férvida amisade,
n'essa doce affeição que vem de Deus!
Poeta, alma do céu, cysne da terra,
que bem que traduziste o sentimento,
que dos homens compensa o soffrimento,
e um allivio lhe off'rece aos males seus.

Vem apoz a tristeza, as horas longas,
decorridas á sombra do mysterio,
quando no solitario cemiterio
scismavas sobre o frio mausoleu,
e pensavas que o mundo, a lida insana,
onde o homem combate co'a amargura,
é crisol d'onde a alma que se apura
sae izenta da mancha e vôa ao céu.

Na canora harmonia descantando
o hymno perennal da humanidade,
o santo amor, a anciada liberdade,
o grito universal, o echo sem fim,
liberdade e amor, irrompe a chamma,
invade a inspiração férvida a mente,
corre o verso vibrante, a voz fluente,
e d'alma a aspiração transborda emfim.

Depois a visão meiga dos teus sonhos,
branda fitando purpurina rosa,
do longo meditar a hora saudosa
religioso sentir transpira em si;
o desejar de um osculo purissimo,
o canto á criancinha, todo flores,
religião, candura, fé e amores,
eis tudo o que no livro attenta li.

Mais tarde a primavera rescendente,
toda arôma e formosura,
a branca flor desabrochando pura,
a nuvem transparente em céu d'azul,
a prece fraternal da irmã querida,
emfim por toda a parte a melodia,
a suave inspiração da poesia,
n'um estylo florecido almo e gentil.

Nunca te vi, poeta, mas eu leio
n'este livro o que pensas, o que sentes,
do vasto genio os traços estão patentes,
brilha a luz do porvir no teu cantar;
não é canto de cysne, é grito d'aguia:
não temas, não suspendas o teu passo,
abre as azas gigantes, galga o espaço,
e a gloria, a immensa gloria has de alcançar.

Quem, como tu, ao despontar da vida,
sente na fronte o raio peregrino,
o influxo do céu, sopro divino,
e assim descreve o intimo sentir;
não pára nunca, e na gloriosa senda,
embora encontre espinhos de amargura,
avante segue: á luz da estrella pura,
que lhe illumina as sombras do porvir.

Bussaco, 1871.

UMA LAGRIMA

Por fallecimento do Ex.mo Senhor

D. PEDRO DA CUNHA MENEZES

Á sua inconsolavel familia

La vie est un combat dont la palme est aux cieux.

Casimir Delavigne

Choraes! eu venho off'recer-vos
um echo a vossos gemidos,
que estes meus prantos sentidos,
d'alma são flor!
Ha na vida acaso pena
igual á que vos tortura?
Não ha, nem mais amargura,
nem maior dôr!...

Os meus versos trazem lagrimas
e são da minh'alma as flôres,
desfolho-as por sobre as dôres
de quem soffrer,
A vós, que choraes perdida
a mais risonha esperança,
meu canto como lembrança
venho off'recer.

São versos entrecortados
de soluçar,
como gemidos soltados
a prantear!
São echos d'alma sahidos
entre afflicção
ao ver os sonhos perdidos
que já lá vão!

Sorria a primavera engrinaldada e fresca,
estendendo o formoso, aveludado manto,
era ridente o céu a transbordar d'encanto,
era por toda a parte a vida, o riso, a luz,
e elle, sereno sempre, a supportar seus males,
entre tanto explendor na palidez se envolve.
Finda emfim seu martyrio, e á eterna patria volve
onde o justo depõe aos pés de Deus a cruz.

Roxo lyrio do val, pelo tufão pendido
no arroio de crystal banhando a fronte pura,
acha, ali na corrente, o fim e a sepultura
quebrado para sempre o delicado pé,
porém ao perpassar o aroma rescendente
deixa de si apoz uma aura embriagante,
que se percebe ainda, embora já distante,
e quanto mais subtil mais deliciosa é.

Assim, elle pendeu da sepultura á beira,
curvado pela dôr, martyr na flôr da vida,
saudoso dos irmãos, da mãe estremecida,
que deixava gemendo em cruciante dôr,
mas sereno e tranquillo ao encarar a morte,
d'alta virtude o exemplo aos seus legou na terra,
embora o corpo inerte a fria lousa encerra,
sua alma gosa em paz na patria do Senhor!

Portel, Junho 1871.

O CANTO DO SEGADOR

Sumiu-se o sol... roxéa
ao longe o horisonte,
nos pincaros do monte
a luz desmaia emfim;
a brisa vespertina
com tepida bafagem
perpassa entre a folhagem
n'um murmurar sem fim.

As aves nos gorgeios
soltam seus magos hymnos,
entre suaves trinos
despedem-se do sol;
ao ninho se recolhem,
que seu amor reclama,
onde, piando as chama
timida, implume prol.

Que magicos perfumes
de embalsamado ambiente,
como é bello e imponente
da tarde o descahir,
quando os mimosos calices
das flores descerrando,
da noute o sopro brando
torna de novo a abrir.

N'esta hora melancholica,
nas solidões do campo
do breve pyrilampo
scintilla a vaga luz;
e tudo que se avista
o céu, a terra, as aves,
em accentos suaves
inspiração traduz.

Mas entre as harmonias
que a natureza entôa,
um novo canto sôa,
singelo, encantador;
são os echos sentidos
que pelos campos solta,
já do trabalho á volta,
o pobre segador.

Eil-o, descendo a encosta
co'a tez do sol queimada,
e a fouce recurvada
entre a callosa mão;
voltando ao lar domestico
onde os ternos carinhos
da esposa e dos filhinhos
á sua espera estão.

De dia na tarefa,
do sol ao raio ardente,
foi-lhe consolo á mente
esta hora de prazer,
e, as lidas olvidando,
pensava nos affagos
com que ficam bem pagos
instantes de soffrer.

Oh! que viver tranquillo!
como lhe corre a vida,
apoz do campo á lida
succede-se o folgar
sem ambição nem sonho
que seu viver inquiete,
carinhos só promette
de longe o pobre lar.

Chegou emfim... da porta
da cabaninha pobre,
entre as fendas, descobre
brilhando a tenue luz,
então de novo entôa
o seu canto singelo,
melancholico e bello,
que seu sentir traduz!

Ouvi... que diz? são rudes
as phrases mas sentidas,
cantigas aprendidas
nos contos do serão,
porém, embora rustica,
a canção do ceifeiro,
traduz sempre o fagueiro
sentir do coração.

Que a voz da humanidade,
quando do intimo peito
com timido respeito
se ergue da terra aos céus,
embora inculta phrase,
seu sentimento expresse,
diz na sincera prece
sómente: — amor e Deus!

O CRUZEIRO

Voi, colagiú ridete
d'un fanciullin che piange,
che la cagion vedete
Dell forte suo dolor,
Quassú di voi si ride
che dell'etá sul fine,
Tutti canuti il crine,
Siete fanciulli ancor

Metastassio.

Era á tarde e a luz vespertina
espalhava o fulgor derradeiro,
innundando inda o cimo do outeiro
de seu mystico e vago clarão,
a travez da campina se ouvia,
da cabana buscando o agasalho,
o ceifeiro ao voltar do trabalho
entoando singela canção.

Como é bello ao alvor do crepusculo
n'essa hora já vaga indecisa,
quando a balsa estremece co'a brisa
e nas ramas se occulta o cantor,

ver os grupos de jovens risonhas,
de boninas coroando as enxadas,
regressando da lida cançadas
mas talvez palpitantes de amor.

Eu sorria ao fitar .esses rostos
pelos raios do sol requeimados,
mas alegres, de goso banhados,
denotando innocente prazer;
de papoulas cingidas as frontes,
com seus feixes de louras espigas,
todas juntas em doces cantigas
esquecendo seu rude viver.

Escutando esses echos sonoros
repassados de viva alegria,
que já longe inda o vento trazia,
longo tempo a scismar caminhei,
e ao findar de uma estreita vereda,
atravez da seára dourada,
no veludo da relva esmaltada
uma cruz solitaria encontrei.

No caminho parei comtemplando
como além da encosta do outeiro
se elevava o singelo cruzeiro
que banhava da tarde o clarão;

dois degraus o poyal lhe formavam,
de musgoso tapete cobertos,
e sobr'elle, de braços abertos,
santo emblema de paz e perdão.

. . . .
. . . .

Em baixo na relva brincava sereno,
as louras cabeças na pedra pousando,
mil brados de jubilo aos ares soltando,
de trez creancinhas o grupo gentil;
a luz desmaiada do sol já no occaso
dourava este quadro d'alegre innocencia,
sem sombras de magua que á breve existencia
turbassem o goso na festa infantil.

. . . .
. . . .

Fiquei um instante calada, pensando
em como, tão crentes, nos sonhos da vida,
folgamos tranquillos co'a alma illudida
emquanto o futuro transborda de luz,
e apoz esses sonhos que breve se envolvem
alegres nadamos n'um mar de esperanças,
mas ai! que não somos senão as creanças
brincando sem susto na base da cruz.

Portel, 1871.

NÃO CHOREIS

á Excellentissima Senhora

D. MARIA D. M. COLAÇO

por morte de seu filho

Choraes! Debruçados na lousa cerrada,
que encobre esses restos que á terra baixaram,
saudades infindas só na alma ficaram,
d'aquelle que fôra bom filho e irmão;
eu hoje, meu canto juntando aos soluços
que d'alma se exhalam na voz da saudade,
estrophes singelas, de pura amisade,
darei n'esta triste e sentida canção.

Choraes! Vejo o vulto da mãe carinhosa
do peito soltando profundo gemido,
em vão procurando seu filho perdido,
que ao seio da campa gelado desceu!

Oh! ergue teus olhos que os prantos innundam,
a terra é morada de infinda amargura,
não curves a fronte, teu filho procura
no seio do Eterno, nos plainos do céu.

A vida que importa, se aquelle que parte,
de crenças piedosas co'o peito abrasado,
á cruz sacrosanta morreu abraçado
raiando-lhe n'alma o luzeiro da fé?!
O tumulo é porta que leva á ventura;
além do sepulchro se occulta a verdade,
descerra-se a venda, sorri claridade,
e aquelle que morre captivo não é!...

Quebrou a cadeia que essa alma ligava,
se é bom, abre as azas que enflora a virtude,
o espirito livre, que o mal não illude
aspira ás delicias do mundo eternal;
e acaso volvendo seus olhos á terra,
e vendo as saudades na lousa chorando,
em voz mysteriosa responde buscando
calmar as torrentes da dôr maternal.

« Não chores, querida, dirá brandamente,
« eu vivo tranquillo na patria ditosa,
« em nuvens envolto de luz mysteriosa,
« gosando a ventura na paz do Senhor;

«não chores, que as maguas meu goso perturbam,
«não gêmas que eu ouço teus tristes gemidos,
«por ti hoje vélo, por vós entes queridos,
«que embora invisivel não perco este amor.

«Deixei esse mundo que espinhos offrece,
«as glorias da terra são vans, passageiras,
«troquei-as por estas, sem fim, verdadeiras,
«que o justo circumdam, que o vestem de luz;
«não chores aquelle que, a Deus aspirando,
«na hora suprema seu norte buscava,
«e os laços da vida sem medo quebrava,
«fitando seus olhos no lenho da cruz!»

A

GUIOMAR TORREZÃO

(No seu album)

Tens flôres no teu album
d'angelico perfume,
as minhas tem ciume,
pois bem humildes são:
essas que te offertaram
são prendas de ternura,
revelam a luz pura
de viva inspiração.

Eu, pobre, nos meus cantos
humildes e singelos,
a teus carmes tão bellos
meu preito venho dar,

e n'este canto agora
a viva sympathia
entre vaga harmonia
em vão tento expressar.

És nova! a luz do genio
anima-te o semblante,
avante, sempre avante!
teu o porvir será;
prosegue que o talento
n'este paiz é raro,
por isso mais preclaro
teu nome tornará.

Se no correr dos annos,
entre o explendor da gloria,
tiveres na memoria
esta minha affeição,
entre festões de rosas
lembra sempre esta palma,
das flôres da minh'alma,
dada do coração!

Lisboa, 1870.

PEROLA E FLOR

A

J. G.

Não sabes porque estás triste?
É que o mundo achas estreito
qua te não cabe no peito
o coração.
Por isso inquieta, procuras
a mudança, a variedade,
mas isto tudo em verdade
pretextos são!...

Alma que aspira ao progresso
na terra vive estrangeira
porque a vida lisongeira
bem pouco é!

Ha mais prantos que sorrisos,
mais espinhos do que flores,
e, em vez de santos amores
muita má fé!

Ás vezes a mente cria
um ideal, uma imagem,
e em breve foge a miragem
que nuvem foi!
Fica depois a lembrança
d'esse almejado carinho,
pungindo como um espinho
que muito doe!

Tambem ás vezes sonhâmos
que o nosso ideal, modêlo
como o creámos, tão bello,
pode existir;
depois a prosa da vida
nos mostra a realidade,
pintando tanto a verdade
que faz fugir!...

Ai! desenganos são estes
que as almas enchem de magoa,
e o viver é uma fragua
de tanta dor,

que não acha o pensamento
um instante de ventura,
sempre espinhos de amargura,
    sem uma flor!...

Mas que digo? que lamento?
eu, que vivo socegada,
pelas auras bafejada
    de tanto crer;
eu, cuja fronte se enfeita
das grinaldas da esperança,
sinto a vida na bonança
    assim correr.

O pescador muitas vezes
entre as conchinhas, na arêa,
quando na praia vagueia
    á beira-mar,
encontra a per'la guardada
dentro da concha que a encerra,
que a vaga arrojou á terra,
    sem a quebrar.

Entre o matto emmaranhado,
aspero, inculto, deserto,
de urzes e estevas coberto,
    do matagal,

quem olhando attentamente,
com cuidado procurásse,
talvez ali encontrásse
flor virginal.

Assim, na vasa do mundo,
n'esse areal da existencia,
onde mais val a demencia
que a razão,
ás vezes a alma que busca,
acha no correr da vida,
como perola escondida
um coração.

E entre as dores que do berço
á campa a vida nos seguem,
que incessantes nos perseguem
com tal rigor,
ás vezes um doce affecto
nos brota do intimo seio,
como das urzes no meio
candida flor.

Então d'este mundo o ermo
volve-se em prado florido,
que o pensar 'stá embebido
n'um doce crêr,

breves os dias decorrem
e as horas rapidas voam,
que os desgostos não mageam
nosso viver.

Oh! sim, já passei a vida
nos ermos da soledade,
na viuvez, na saudade,
com muita dôr.
Mas na praia da existencia
e no matagal buscando,
fui venturosa encontrando
perola... e flor.

Julho de 1871.

A VOZ DO INVISIVEL

PHANTASIA

á Ex.ma Sr.a

D. M. E. B. DE C. F.

Sobre a sepultura de uma filhinha morta antes de nascer

Where come they, these spirit voices?
Surely from the God above,
Who in pity for our blindness
In His great all seeing love.

* * *

Era á tardinha... dourado
descia o sol brandamente
no ameno vergel frondente,
todo frescor,
demandando á poesia
uma inspiração suave,
ouvi um gorgeio d'ave
todo de amor.

Do aroma das violetas
as auras embalsamadas,
doidejavam perfumadas
pelo jardim;
prestei o ouvido attenta
ao que gorgeio julgára,
mas vejo que me enganára,
não era assim.

Era uma voz mysteriosa,
aerea, vaga, indecisa,
o sussurar d'uma brisa,
que vem do ceu,
especie de som angelico
soltado em nota cadente,
como a estrema voz plangente,
do que morreu.

A voz dizia: — não sabes?
aqui na terra escondida,
flor inda em botão colhida
que não abriu;
alma que ás portas do mundo
quasi chegou n'um momento,
e a morte em golpe violento,
me repeliu.

Aqui estou na sombra occulta
da relva que me recobre,
ninguem aqui me descobre
no berço meu,
senão da mãe carinhosa
um doce olhar de saudade,
buscando na eternidade
o fructo seu.

Ás vezes passa, presinto-a
no meu calado retiro;
a brisa traz-me um suspiro
do seu amor;
então adejo-lhe em volta,
transformada em mariposa,
volitando pressurosa
de flor em flor.

Bemdigo então meu destino;
aereo ser, impalpavel,
goso da vista inefavel
da eterna luz,
alma p'r'a vida creada
antes que o barro existisse,
oi bom que Deus permitisse
tirar-me a cruz.

Embora illusões mentidas
formem um limbo na idéa,
quem haverá que inda creia
que isso assim é?!
O limbo existe p'ra aquelles
que são limbos propriamente,
pois sem pensar, cegamente
dizem ter fé!

Eu trocava a luz infinda
pela prisão voluntaria,
ligando á vida precaria
o ethereo ser;
na aspiração infinita
vinha apurar minha essencia
no crysol d'uma existencia
toda soffrer.

Que importa se desatasse
O laço que me prendia,
quando a materia morria
livre fiquei;
mas inda um suave affecto
á mãe saudosa me inclina,
que essa cadeia divina
nunca quebrei!..

Olha, tu, que nunca passas
pelos mortos indiff'rente,
que vês além do presente,
sempre a anhelar,
tu, cuja lyra tem notas
onde suspira a saudade,
que buscas a immensidade
p'ra te inspirar;

dize-lhe que, embora occulta
no frio leito de terra,
n'este canteiro que encerra
o corpo meu,
minh'alma espreita a sua alma,
e quando passa de perto
se ouvir um suspiro é certo
que o soltei eu.

1871.

AVE MARIA

Son la má qu'acompanya carinyosa
Al nin que s'estravia
son aquella veu pia
que quan gemega 'l cor dio bondadosa
« Espera en Deu, après de nit ve 'l dia,

Francesch Pelay Briz.

Ha um astro que brilha em noite escura,
um raio de luz viva e peregrina,
que a escuridão do cahos illumina,
um echo do infinito á nossa voz,
e essa estrella fagueira que scintilla,
esse raio celeste de almo encanto,
o echo immenso de amor supremo e santo,
és tu, ó Virgem pura, a orar por nós.

Divina creação que n'um sorriso
as portas do porvir abres ao triste;
sem ti que fôra? só por ti resiste
do mundo á fragua, ao perennal vaivem;

primeira invocação da tenra idade,
que, desde o berço, onde o viver desponta,
nos segue até á campa e nos aponta
melhor ventura d'este mundo além!

Oh! em todas as phases da existencia
encontra o homem, na agonia do horto,
brando aninho ao soffrer, mago conforto,
á sombra do teu manto maternal;
sorris-lhe carinhosa quando a custo
mãe, apenas dizendo, já te implora,
e mais tarde, se afflicto em ancia chora,
busca ainda em teu seio allivio ao mal.

Quando depois do reluctar da vida
sente de magua fatigada a idéa,
que a mente vaga no soffrer anceia
e os olhos vertem lagrimas de fel,
que á noute o somno lhe fugiu das palpebras,
emquanto inquieto o coração palpita,
e a insomnia atroz o cerebro lhe excita
do pensamento ao férvido tropel;

recorda então o extenuado espirito
que, inda entre as fachas da primeira infancia,
todas as noutes na materna estancia
murmurava entre o somno uma oração,

quando a mãe debruçada no seu berço,
brandamente entre beijos repetia,
com suavissima voz a Avè Maria,
apertando-o no entanto ao coração.

E apoz essa lembrança do passado
solta dos labios a oração piedosa,
aquieta-se o pensar, a mente anciosa,
repelle o vão delirio, as sombras más,
succede ao desespero uma esperança;
brilha a luz do porvir serena e clara,
e o que ha pouco repouso não achára
agora á luz da fé já dorme em paz.

Tu és no mar da existencia
norte do nauta perdido,
astro de luz suspendido
no azul do céu!
porta da eterna ventura
aberta ao triste que soffre,
de graças contens um coffre
no seio teu.

És a rosa purpurina,
mais bella que a luz da aurora;
dos orphãos a protectora,
de todos mãe.

Que as lagrimas de amargura
ante o teu altar vertidas,
em perolas convertidas
allivio tem.

Eu tambem em horas tristes,
quando as faces me banhava,
o pranto que a alma soltava
com tanta dôr,
lembrando a prece da infancia,
prece de tanta doçura,
achei consolo á amargura
no teu amor.

Oh! sim, que essa idéa santa,
que a chamar-te mãe ensina,
casta imagem peregrina,
toda poesia.
Faz que deseje com ancia,
á eterna patria volvendo,
entregar a alma dizendo:
— Avè Maria! —

1871.

AMO-TE

A UMA AMIGA

Não sabes porque te amo?
é porque leio em teu rosto
que tens occulto desgosto
no coração;
que na flôr da juventude,
sem sonhos de f'licidade,
padeces viva saudade
na solidão!

Saudades! — sim de outros tempos
que foram eras ditosas,
engrinaldando de rosas
o berço teu,

quando a infancia te sorria
n'esse puro alvor da vida,
que tua alma adormecida
sonhava... o céu!

Amo-te porque comprehendo
o que é viver de amargura,
porque o sol da desventura
já me crestou,
embora vejas sorrisos
nos meus labios noite e dia,
n'elles o fel da agonia
tambem passou!

Inda que vejas meus olhos
inquietos e buliçosos,
volverem-se radiosos
no alegre olhar;
já lhe penderam das palpebras
os prantos que traz a magua,
que era como jorros de agua
o meu chorar!

Na vida já soffri muito!
hoje não choro, concentro,
como tu, guardo cá dentro,
a minha dôr;

porém para alivio á pena
que nos minore a saudade,
depara-nos a amisade
o Creador.

Sim, a amisade é presente
da Providencia Divina,
consolação peregrina
do padecer!
Amo-te então porque soffres,
e no correr da existencia
supportas com paciencia
o teu viver!

Que embora no soffrimento
deve a alma resignada
ter a maxima guardada
que vem dos céus;
e no auge do martyrio
quem firme conserva a crença
recebe alfim recompensa
da mão de Deus!

1871.

À

MARIA JOSÉ CANUTO

~~~~~~~~

Poetisa, tu porque cantas
tão pouco e tão raramente,
e não dizes o que sente
teu coração?
Acaso a lida afanosa
do magisterio te impede?
Ao meu pedido concede
uma canção.

Teus versos melodiosos,
de tão suave harmonia,
recebi com alegria,
a palpitar,
~~~~~~~~

graças, querida poetisa,
tu, cuja fronte laureada,
desejo em goso banhada
poder beijar.

Eu quizera em cartas longas
comtigo entreter-me um pouco,
porém meu desejo é louco
não pode ser...
Na solidão onde vivo
só de cearas cercada,
sem poesia, sem nada,
que heide dizer?

Agora escrevo á janella
co'o papel no parapeito,
embora não faça geito,
quero assim 'star,
pois estendendo meus olhos
ao longo pela campina
d'esta hora vespertina
posso fallar!

O sol baixou no horisonte
deixando o céu inflammado
de um largo traço dourado
e carmezi;

e eu aproveito este instante,
de incerta luz mysteriosa,
para uma endeixa saudosa
tecer aqui.

Mas ai! que sensaboria;
sempre a mesma choradeira,
brisas! auras! luz fagueira!
vago arrebol,
campinas, valles, cearas,
coisas já tão repetidas,
de todos tão conhecidas
como o é o sol.

Suspendo a voz, pois não acho
assumpto que tenha encanto,
vou pôr a lyra a um canto
já que assim é;
adeus querida poetisa
em vez de banalidades,
recebe as vivas saudades
da tua Cadet.

Portel, 1871.

IRMÃ!... DO CEU!...

A UM RETRATO

Pour moi c'est ton regard qui du divin séjour
s'entrouvre sur mon âme et lui répand le jour.
Lamartine.

Imagem que eu só contemplo,
quando em horas d'anciedade,
vêrto os prantos da saudade
na solidão!
tu, confidente querida,
de meus sonhos de esperança,
que me davas confiança
ao coração!...

Anjo que foste da terra
arrebatado tão cedo,
a quem fallava em segredo
da minha dôr,

oh! abre as candidas azas,
acolhe-me ao teu carinho,
terei entre tanto espinho,
alguma flôr!

Ai rosa, d'almo perfume,
que o rijo sopro do vento
na debil haste violento
deixou pender;
no alvor da vida ceifada,
rosa de tanto perfume,
extinguiu a morte o lume
do teu viver!...

Oh! como eu amo a tua imagem
e que doce companhia
que me fazes noite e dia
a olhar p'ra mim!..
quando o manto da tristeza
envolve o meu pensamento,
recorro a ti n'um momento,
digo-te assim:

'Stou tão triste! tão sosinha!
Lembra-me tanto a ventura,
horas de tanta doçura,
que já lá vão!..

e esse teu affecto santo,
essa fé pura e ardente,
com que me abrias tão crente
teu coração!

Ai! agora tu fugiste-me
e eu sinto n'alma a saudade,
as horas de f'licidade
cobre-as um véu!
Á beira do teu sepulchro
inclino a fronte abatida,
manda-me um olhar, querida,
ai lá do céu!..

Tu que invisivel velando
no mundo ethereo onde moras,
vês minh'alma em tristes horas
a suspirar,
desprende o vôo purissimo,
eleva-te aos pés do Eterno,
e vae n'um effluvio interno
por mim rogar!

Depois fico longo tempo
aquelle rosto mirando,
e n'alma sinto calando
suave crer....

A prece é sempre escutada,
e ao pé d'aquelle retrato,
sinto que é menos ingrato
o meu viver.

Por isso, quando na idéa
o horisonte vejo escuro,
em vão buscando ao futuro
rasgar o véu;
se de meus olhos o pranto
s'escapa, a face innundando,
acho consolo, buscando
a irmã... no céu!

Portel.

PROPHECIA

A

J. G.

Malheur à qui du fond de l'exil de la vie
Entendit ces concerts d'un monde qu'il envie
du nectar idéal sitôt qu'elle a goûté
la nature répugne à la réalité.

Lamartine.

Anjo, tu queres um canto?
É tudo o que eu posso dar,
que sinto prazer e encanto
n'este contínuo trovar.
Amo esta doce linguagem,
que m'inspira a branda aragem,
emquanto grata miragem
vejo ante os olhos passar.

Oh! o viver do poeta
tem um celeste condão,
é ás vezes um propheta
das cousas do coração,
no horisonte embora escuro,
com olhar firme e seguro,
lê palavras do futuro,
destinos que occultos são.

Vou tornar-me feiticeira,
fada de brando sorrir,
e na trova lisongeira
predirei o teu porvir;
sim, tu que abrigas na idéa
a chamma que ali se ateia,
que em seu lume t'incendeia
meu canto agora hasde ouvir.

Quem tem alma como a tua,
toda abrazada de ardor,
que no mysterio fluctua,
a amar... e negando o amor!..
alma que diz que não sente,
quando um suspiro a desmente,
quando uma lagrima ardente
lhe revella a acerba dôr!...

Que no indiff'rente sorriso
não deixa o segredo ter
d'esse occulto paraizo
que tem no angelico ler;
que em denso manto envolvida,
sempre na idéa embebida,
como perola escondida,
vive sem deixar-se ver!

Quem assim tem alma tão pura
na terra não tem porvir,
nasce em hora de amargura,
tem triste sina a cumprir,
aspirando á immensidade,
sente de Deus a saudade,
geme em vasta soledade
que a não quer o mundo ouvir!

Entra na vida sorrindo
cheia de maga illusão,
e o mundo vae-lhe cobrindo
de tristeza o coração,
os sonhos de poesia,
da arrojada phantasia,
volvem-se em voz d'agonia
ao despertar da razão.

Ah! quanto sonho desfeito
do berço á campa se esvahe,
e ao perdêl-os como o peito
se desentranha n'um ai!
oh! tanta illusão perdida,
tanta crença destruida,
como folha desprendida,
que ao sopro do vento cáe!

Mas, louca que estou dizendo?
Quiz predizer-te o porvir,
e acabo quasi gemendo
sobre as maguas do existir!
Oh! não, a vida inda off'rece
conforto a quem desfallece,
inda nos céus apparece
astro de mago fulgir.

Sim, para a alma que aspira
ao doce enlevo de amor,
que em viva chamma se inspira
de casto e férvido ardor,
Deus envia outra alma pura,
d'infinda e meiga ternura,
que lhe transforme em ventura
todo um passado de dôr.

Bemvinda é sempre na terra
a alma que sente e que crê,
que em sacrario intimo encerra
cousas que o mundo não vê.
Bemvinda, porque comprehende
o que o vulgo não entende,
que saber em vão pretende,
porque o futuro não lê.

Felizes os que ao mysterio
tentando rasgar os véus,
deixam como em sonho ethereo
vagar su'alma nos céus;
atravez do soffrimento
dilata-se o pensamento,
quem pensa olvida o tormento,
aspira e encontra... Deus!

Assim és tu, alma pura
da mais santa aspiração,
que dás immensa ternura
a quem te off'rece affeição.
Joia p'ra mim d'alto preço,
a que dou subito apreço
pois bem a fundo conheço
o teu nobre coração.

Por isso ao dar-te o meu canto,
embora tão sem valor,
destituido de encanto,
todo mais relva que flôr,
se o teu destino procuro
no horisonte embora escuro,
vejo com olhar seguro
muita crença e muito amor!

Portel, 1871.

A ORAÇÃO

> L'aigle vole au soleil le vauteur à la tombe
> L'hirondelle au printemps et la prière au ciel.
> *Victor Hugo.*

O dia vae findar, já no horisonte
o rei do plaino ethereo refulgente,
ao berço de chrystal vae lentamente
descendo em magestoso caminhar.
Avulta no occidente a longa facha
de nuvens, como um manto purpurino
orlado de viezes d'ouro fino
que mais vivo realce lhe vem dar.

Quando o astro radiante a regia c'roa
nas aguas do oceano mergulhando
no espaço brandamente vae mudando
a fita d'ouro em franja de carmim,
que explendido espectaculo se ostenta
de transparentes nuvens côr de rosa,
de breve forma, aeréa, vaporosa,
e o arrebol da tarde morre emfim.

Que mysterio que encerra do crepusculo
a fugitiva luz vaga, indecisa,
e o perpassar da embalsamada brisa
entre as ramas do verde salgueiral
quando fontes, arroios, flores e aves,
em concerto solemne e peregrino,
entoam o seu canto vespertino,
o cantico da festa universal.

É tudo sombra já, mas n'um momento
a lua surge á beira do horisonte,
illuminando os pincaros do monte
d'essa argentina luz de mago alvor;
e lentamente na amplidão caminha,
dominando, no espaço suspendida,
de candido cendal toda envolvida,
ostentando seu timido palor.

Qual perola engastada entre saphiras
reflecte-se do mar sobre a esmeralda,
vem pratear do monte a verde falda
as boninas beijar no prado alem;
ao tepido calor d'essa bafagem,
do calix entre aberto da açucena,
rescende o casto aroma, que serena
a leve brisa recolhendo vem.

Nas campinas sem fim, que o lyrio esmalta,
tudo é silencio e paz nest'hora amiga,
a natureza então cede á fadiga,
e do ardente lidar repousa em paz,
hora de benção, quando o raio palido
do astro da tristeza e do mysterio
vem reflectir na cruz do cemiterio,
lembrando o morto que na terra jaz.

Mais grato ao coração que a luz da aurora,
o alvor da lua a poesia inspira,
acalma o pensamento que delira
e traz allivio á dôr nos brilhos seus.
O sol no ardente raio fulgurante
fecunda, vivifica e illumina,
mas da candida lua a luz divina
aos que choram de amor falla de Deus.

É a hora em que a terra se prepara
ao repouso da noute e um hymno solta,
a voz universal que vae d'envolta
co'as estrophes que solta o vento e o mar;
que a infinda creação toda em conjuncto
no culto rende o preito e a homenagem,
e ao Ser supremo em mystica linguagem
solemne acção de graças vem prestar.

Espectaculo augusto! Scena explendida
no vasto seio o infinito encerra!
o universo é o templo, o altar a terra,
a abobada que os cobre o azul dos ceus;
os astros que refulgem são os cyrios,
as tochas, os brandões de luz divina,
e as nuvens transparentes por cortina
pendem em leves, vaporosos veus.

O Himalaya o Caucaso e o Libano
e do Sinai o cimo venerando,
como frageis columnas adornando,
estão o immenso templo do Senhor.
Os cedros são as palmas que o enfeitam
de flores aos milhões engrinaldado,
tem por alfombra enfim do fresco prado
a relvosa alcatifa de verdor.

Eis o templo do Eterno, onde concorrem,
a orchestra universal em magos hymnos,
o concerto das aves nos seus trinos,
a fonte, a murmurar do freixo ao pé;
o sopro da tormenta ou da bonança,
o bramido do mar, o écho da serra,
emfim, a oração de toda a terra
á symbolica luz da humana fé!

É a hora de orar! O incenso puro
emanado das flôres sobe aos ares,
e tudo reunido a terra e os mares,
a férvida oração eleva aos céus;
eis se abre no explendido edificio,
no magnifico e augusto sanctuario,
o coração do homem por sacrario,
e por lampada a fé que tem em Deus.

Orêmos nós tambem! Eu abro o peito
ao doce e mago influxo que derrama
a suave oração que ao céu nos chama,
e nos leva a esquecer a humana dôr;
sim, que apoz de exhalar férvida prece
sente-se um bem estar que a alma vigora,
e o que aos pés do seu Deus rezando chora
o balsamo achará d'infindo amor.

Na senda d'esta vida peregrino,
no escuro val de lagrimas vivendo,
que seria do triste que soffrendo
vê o porvir envolto em negro véu,
se não fôra essa voz que dentro falla
que diz ao desgraçado por conforto:
—Todo o homem na terra tem um horto,
ora filho, que a prece leva ao céu!

Orêmos, a oração é sempre grata,
desde a prece infantil que o berço solta,
'té ao fundo suspiro que de envolta
se perde da tormenta entre o horror,
seja qual for a forma que revista
arrulho, voz de benção, ai sentido,
lagrima, soluçar, grito ou gemido,
encontra um écho aos pés do Creador.

Oh! balsamo celeste, almo conforto,
que a terra prende ao céu com vivo laço,
desde o infante que dorme no regaço
da carinhosa mãe juntando as mãos,
'té ao velho cançado e já decrepito,
que chegando ao umbral da eternidade,
curva a fronte senil ante a verdade,
e deplora chorando os sonhos vãos!

Ó como é grata a prece que se exhala
dos labios de uma virgem que ajoelha,
e erguendo as mãos ao céu quasi semelha
no purissimo alvor, casta visão;
do immaculado calix da sua alma
entreaberto p'ra Deus, na occulta estancia,
o perfume rescende, essa fragrancia
efluvios virginaes do coração.

A prece maternal da mãe que implora,
no soffrego anhelar do immenso affecto,
o supplice invocar do peito inquieto,
para o filho pedindo aureo porvir,
e a oração do triste sem conforto,
do homem que luctando co'a desgraça,
já perdida a esperança á cruz se abraça
p'ra com ella salvar-se ou soccumbir.

Mas um écho suave e melancolico,
entre essas ondas de fervor sagrado,
da piedosa crença ao sopro alado,
cruza atravez da etherea região,
é a santa oração pelos finados,
o suspiro que envolve uma saudade,
a prece que se envia á eternidade,
ao mundo immaterial onde hoje estão.

É a mystica voz d'alma saida
que no mundo invisivel bem se entende,
que a alma do que foi ouve e comprehende
no grato recordar de um santo amor;
Idéa que nos liga aos que passaram,
que nos cerca de sombras e de imagens,
que em derredor de nós doces aragens
espalha, dando allivio á nossa dôr.

Oh! sim! a oração é sobre a terra
um élo da cadeia mysteriosa
que enlaça a creação, na magestosa
harmonia que em torno a nós se vê;
orêmos! E no templo sacrosanto,
do universo no vasto sanctuario,
abra-se o coração, vivo sacrario,
que illumina o clarão da santa fé!

1870.

PRIMAVERA

POESIA DE

FRANCESCH PELAY BRIZ

Premiada nos Jogos Floraes de Barcelona em 1865

TRADUCÇÃO DO DIALECTO CATALÃO

Em vasta sala,
toda enfeitada
e engrinaldada
de flores mil,
brilham em torno
lucidas côres,
como os amores,
tudo é gentil.

Por sobre a mesa,
bello thesouro,
de prata e ouro,
mostra o fulgor,

são ricas joias,
prendas formosas,
juntas ás rosas
e ao myrto em flor.

Jubilo e festa,
tudo respira;
prazer inspira
tanto folgar;
mil vozes fallam
quaes brandos córos,
échos sonoros,
vibram no ar.

— «São estas joias
«para as mais bellas,
«d'essas donzellas
«que hoje aqui vem;
«para as que tenham
«graça e sciencia,
«flor de innocencia,
«como ninguem.»

Quatro já surgem
com passo grave,
rosto suave,
de enfeitiçar;

são como uns anjos,
uma, chegando
com gesto brando,
já vae fallar:

«— Jury, bom jury,
«eis-me, aqui venho
«no grato empenho
«de um premio ter,
«d'esses que vejo,
«como uma estrella,
«de luz tão bella
«resplandecer.

«Eu crio a neve
«da alta montanha,
«e o rio que banha
«do seu crystal,
«os verdes plainos,
«asperos montes,
«que brota em fontes,
«e innunda o val.

«Eu gero as nuvens
«brancas, risonhas,
«outras medonhas,
«de negra côr;

«desfaço em perolas
«meu niveo manto,
«derramo um pranto
«fecundador.

«Oh! se me desseis,
«meus bons senhores,
«as lindas flores
«que premio são,
«como contente,
«seria ditosa,
«que jubilosa
«que eu fôra então!

«Chama-me *inverno*,
«sêcca ramagem,
«que a sua folhagem
«deixou murchar;
«quando ali passo,
«envolta em neve,
«d'um sopro leve
«gelando o ar.

«Chama-me *inverno*,
«a planta occulta,
«que se sepulta,
«na terra mãe,

«e a chuva espera,
«que lhe dê vida,
«p'ra renascida,
«brotar além.

«Por entre as veigas,
«*Inverno*, brada,
«de agua gelada
«puro crystal;
«os dias curtos,
«noutes immensas,
«as trevas densas,
«do vendaval.

«Mas se me dessem
«as flôres bellas,
«puras, singelas,
«que premio são,
«como contente,
«seria ditosa,
«que jubilosa
«que eu fôra então!»

A voz suspende,
recua e pára,
outra chegára
toda carmim,

que os roseos labios
abre, soltando
murmurio brando,
que diz assim:

«—Jury, bom jury
«eis-me chegada,
«já preparada,
«para alcançar
«o rico premio,
«que sobre a mesa,
«d'alma belleza,
«vejo brilhar.

«Eu fresca relva
«transformo em ouro,
«ao raio louro,
«d'ardente sol;
«desterro as sombras
«da noute escura,
«co'a formosura
«d'aureo arrebol.

«Manto de fogo,
«meu ser reveste,
«brilho celeste,
«n'elle reluz;

«do rei dos astros
«noiva me chamam,
«todos me acclamam
«Deusa da luz.

«Mesmo das fontes,
«mais crystalinas,
«as per'las finas
«faço estancar,
«canta a cigarra
«no ardor da sésta,
«queima a floresta
«meu respirar.

«As borboletas,
«tão matisadas,
«de azas douradas,
«de nivea côr,
«dizem — *Estio*
«quando voando,
«vão prepassando
«de flôr em flôr.

«*Estio* as auras
«dizem contentes;
«noutes ardentes,
«dias sem fim,

«aves e brisas,
«flôres e rio,
«dizem *Estio*,
«fallam de mim.

«Mas se me dessem
«as lindas flôres,
«de tantas côres,
«que um premio são,
«como contente
«seria ditosa,
«que jubilosa
«que eu fôra então!»

Não diz mais nada.
Vem a terceira,
toda fagueira,
no seu sorrir;
—«jury bom jury,
«diz brandamente,
«venho contente
«fazer-me ouvir.

«Encho de fructos
«todo o arvoredo,
«sei o segredo
«de os madurar;

«rego as campinas
«co'o meu rocio,
«mais que o *Estio*
«sei consolar.

«Derramo a vida,
«trago a abundancia;
«tudo é fragrancia
«nos fructos meus,
«estendo á noute
«no plaino ethereo,
«entre o mysterio,
«candidos veus.

«Pelas montanhas
«solto o meu brado,
«no grito irado
«do trovejar;
«mas deixo os ares
«puros, serenos,
«p'ra dias amenos,
«á terra dar.

«Os castanheiros
«soltam seu fructo,
«em torno escuto
«vago rumor.

«Outono! bradam
«frescos vinhedos,
«e os arvoredos
«d'almo frescor,

«quando o sol morre
«lá no horisonte,
«e sobre o monte
«novo astro vem,
«ligeiras aves,
«buscando o somno,
«Outono! Outono!
«bradam tambem.

«Oh! sè me desseis
«essas grinaldas,
«como esmeraldas,
«que um premio são;
«ai que contente,
«que jubilosa,
«como ditosa
«seria então!»

Eis que singela,
timida e casta,
da que se affasta
vem outra apoz;

em torno os olhos
meigos, volvendo,
não se atrevendo
a erguer a voz.

Quando a interrogam
se ruborisa,
pára indecisa,
baixando o olhar;
como é formosa,
alva de neve,
cintura breve,
e o seio a arfar!

Cinge-lhe a fronte,
casta e tão bella,
nivea capella
de alvo jasmim;
dizem seus olhos
tantas doçuras!
As faces puras
são de marfim!

Solta dos labios
suave canto,
de mago encanto,
qual rouxinol;

parece um hymno,
d'esses que as aves
trinam suaves
ao pôr do sol!

Como se chama
todos indagam,
todos a affagam,
mas d'onde vem?
e as tres primeiras,
que antes vieram,
estremeceram,
que inveja tem.

—Teu nome, ó virgem?
onde nasceste?
Anjo celeste
quem são teus paes?
Falla e responde,
flor delicada,
rosa brotada
d'entre os rosaes.

«Sou—*Primavera,*»
responde e cala...
Eis que a affagal-a
se ergueu então

o jury; e as joias
que ella merece,
tudo lhe off'rece
por sua mão.

Cobre de flores
seu rico manto,
e um hymno, entanto,
se escuta além,
que n'esta festa
vem a harmonia,
co'a poesia,
folgar tambem.

Ella no entanto,
tão peregrina,
a fronte inclina
toda a tremer;
descerra os labios
timidamente,
e a voz contente
solta a dizer:

«— Graças bom jury,
«sou tão ditosa!
«Que jubilosa
«me sinto assim!

« as flores bellas,
« tão desejadas,
« tão invejadas,
« foram p'ra mim! . . .

Parte ligeira,
qual anjo lindo,
meiga, sorrindo,
já se ausentou;
e a turba fica
triste e saudosa,
que a flor mimosa
tudo encantou.

Como é tão bella!
Parece a aurora;
tudo enamora
co'o seu olhar;
os labios puros,
tão purpurinos,
e os dedos finos,
de enfeitiçar.

N'aquelles olhos
brilha a esperança,
dizem bonança
na côr do céu,

toda innocencia;
cobre-lhe o encanto
ceruleo manto,
candido véu!

Adeus, bem hajas
ó primavera,
sopro que gera
da vida a flôr,
de ti dimana
maga doçura,
toda a ventura
de um céu de amor!

Portel, 1871.

TU NÃO VÊS?

Tu não vês, dentro da concha,
aos olhos todos occulta,
a per'la que se sepulta
das vagas entre o crystal,
como pudica donzella
guardando o thesouro fino,
angelico e peregrino,
do seu amor virginal?

Além da nuvem que passa
não vês tu ali suspensa,
a estrella que inspira a crença,
fulgindo no azul do céu;
de tempo a tempo occultando
sua face luminosa,
par'cendo noiva formosa,
envolta em candido véu?

Vês tu da noute entre as sombras,
em solitaria capella,
uma lampada que vela,
onde brilha vaga luz,
que do escuro sanctuario,
o mysterio redobrando,
nos está, muda, indicando
o santo lenho da cruz?

E além, no fundo barranco,
longe do extranho bulicio,
á borda d'um precipicio,
entre espesso matagal,
nunca viste a violeta,
brotando timidamente,
embalsamar o ambiente
do perfume angelical?

E tu sabes o que dizem,
em diversa linguagem,
d'este mundo na miragem
per'la, estrella, luz e flôr?
Todas tem o mesmo symbolo,
todas igual pensamento,
traduzem um sentimento,
e só revelam amor.

A donzella que escondida
vive do mundo affastada,
no recondito encerrada
do recinto paternal,
tem o amor dentro d'alma,
como a concha peregrina
encerra a perola fina
das ondas entre o crystal.

O coração abrazado
d'essa vivissima chamma,
que nos transforma e inflamma,
que nos fascina e seduz,
occulta-se a extranhas vistas,
como a estrellinha fagueira
esconde em nuvem ligeira
a maga e candida luz.

A meiga e pura amisade,
amor suave e tranquillo,
se no peito encontra asylo
onde se possa aninhar,
no intimo seio fulgura
como a luz do lampadario,
que no occulto sanctuario
bruxolêa ante o altar.

E o solitario suspiro
que desentranha a saudade,
que o amor na soledade
manda da terra até Deus,
é como o brando perfume
da violeta que, a medo,
abre o calix em segredo,
e o aroma envia aos céus.

Assim, quando tu encontres
fallando extranha linguagem,
d'este mundo na miragem,
per'la, estrella, luz e flôr,
ali acharás o symbolo
do mais alto pensamento,
traduzem um sentimento,
todas revelam amor.

MUSGO D'ALMA

no album da Ex.^{ma} Sr.^{a}

D. MATHILDE REBELLO BORGES DE CASTRO

Improviso

No occulto jardim do peito
já tive flores, donzella,
era n'essa quadra bella
em que tudo nos sorri;
quando a folhagem da esp'rança
o coração nos reveste,
d'esse ambiénte celeste
as frescas auras bebi.

Se teu sympathico rosto
divisado então houvera,
de rosas e folhas de hera
uma grinalda faria,

mas hoje, murchas as flores,
caida a verde folhagem,
só resta a sêcca ramagem,
o musgo da poesia.

É d'esse qu'inda conserva
um vislumbre de verdura,
que tenho agora a ventura
de vir offertar-te aqui,
e feliz me considero
por achar ainda na lyra
o canto que hoje m'inspira
a sympathia por ti.

Luso, 1874.

N'UM LEQUE

Improviso

Por tanta prova de affecto,
por tão grato acolhimento,
vou aqui um pensamento
ao teu leque confiar;
e para grande contraste,
no leque que o ar agita,
fica esta memoria escripta
p'r'o vento não a levar.

Dir-te-ha pois no seu balanço,
no seu vae-vem incessante,
que a ti regressa constante
de longe o meu recordar,
e a brisa que te refresca
trará comsigo a saudade,
e um suspiro d'amisade,
que de lá te hei de mandar.

Granja, 1874.

LEMBRANÇA

(N'UM LEQUE)

Improviso

Quero deixar de amisade
aqui pequena lembrança,
co'a dulcissima esperança
que nunca me has de olvidar,
quando longe d'estas praias
seguirmos nosso destino;
e a saudade, dom divino,
dentro em noss'alma brotar.

E assim juro ser eterna
a suave sympathia,
que despertou a harmonia
dos maviosos hymnos teus,
e no verso que termina
deixar-te amiga desejo,
carinhoso e doce beijo
e longo e saudoso adeus.

Granja, 1874.

IMPROVISO

Nas Varetas de um Leque

Disseste um dia querida,
que versos não merecias,
que não tinhas poesias
dedicadas só a ti;
para quebrar tal feitiço
vou este canto deixar-te,
no leque que a offertar-te
antes de hontem me attrevi.

Soberba offerta! Que prenda!
Não valia o pobresinho,
feito de papel e pinho,
nem mesmo meio tostão;
mas vou encher-lhe as varetas,
para dar-lhe mais valia,
de um pouco de poesia,
nascida do coração.

Quero dizer que te estimo,
que comtigo sympathiso,
que imagino o paraizo
o viver ao pé de ti,
tu, tão viva e engraçada,
sempre alegre e satisfeita,
genio que a tudo se ageita,
genio como nunca vi.

Por isso aqui de amisade
te deixo este pensamento,
e crê que este sentimento
te será sempre fiel,
embora seja o protesto,
feito n'este pobresinho,
tão acanhado e mesquinho,
todo de pinho e papel.

Granja, 1874.

ORVALHO

Na folha de uma carteira do Excellentissimo Senhor

RIBEIRO DA CUNHA JUNIOR

Improviso

Não sabes o que é o orvalho
pela campina espargido,
entre a hervinha confundido
como prata a scintillar?
é o rocio da aurora,
vertido por sobre a terra,
e que na relva se encerra,
para aljofre se tornar.

Oh! como as cousas pequenas
tem, ás vezes valor tanto,
da aurora o formoso pranto,
d'argentina e maga côr,

fez-me pensar um momento
nas lagrimas que chorâmos,
e que da terra enviâmos
ao seio do Creador.

Sobe a lagrima brotada
dos olhos da humanidade,
ao seio da eternidade,
volve-se em perola ali;
e as lagrimas celestes
descem a terra orvalhando,
e no solo penetrando,
o vem fecundar aqui.

Assim o pranto do afflicto
ao mundo ethereo levado,
em perolas transformado,
adorna os anjos nos céus,
e as lagrimas da aurora
da pura mansão descidas,
por sobre a terra esparzidas,
são como a benção de Deus!

Granja, 1874.

FOLHAS SÊCCAS

(N'UM ALBUM)

Improviso

Do outono ao sopro tepido
as folhas já crestadas,
ao longe arremessadas,
Deus sabe onde é que vão!...
assim d'est'alma os canticos,
são folhas desprendidas,
que vão correr perdidas
do mundo na amplidão.

Mas d'essas pobresinhas
que viço e côr perderam,
e miseras morreram
ao sopro do tufão,

algumas que se accolhem
junto á sombra d'um muro,
n'esse abrigo seguro,
acham a fresquidão.

Assim o grito da alma
que em ancia occulta geme,
que em vão soluça e freme,
buscando a solidão,
achará no teu peito,
meigo e suave amigo,
sendo-lhe amparo e abrigo
teu nobre coração!

Granja, 1874.

O QUE TU QUIZERES

Improviso

AO VISCONDE DA RIBEIRA BRAVA

Quando tu vens ter comigo,
fazendo-me cem perguntas,
dizendo mil cousas juntas,
escuto o que me disseres;
mas depois embaraçada
não posso a tudo dar conta,
e para resposta prompta
respondo — *o que tu quizeres.*

Se acaso negocio grave
de ponderação bastante,
com estylo altisonante,
contar-me a serio vieres,
eu, meditando no caso,
não podendo decidir-me,
posso, mui bem, permittir-me
dizer — *o que tu quizeres.*

Se por ventura engraçado,
vens contente e galhofeiro,
em estylo prasenteiro,
fallar de lindas mulheres,
eu, rindo-me sorrateira,
baixando os olhos a medo,
respondo quasi em segredo,
será — *o que tu quizeres.*

Se acaso irado e raivoso,
bramindo em furia, violento,
de um ou outro pensamento
increpar-me tu vieres,
eu cheia de paciencia,
oppondo á força a doçura,
responderei com brandura:
pois seja — *o que tu quizeres.*

Assim em tudo o que faças,
alegre, triste ou irado,
zombeteiro ou engraçado,
e a tudo o que me disseres,
eu, que te estimo deveras,
tão santo affecto nutrindo,
só responderei sorrindo,
pois seja — *o que tu quizeres.*

Granja, 1874.

BRINDE

N'UM JANTAR DE NOIVADO

Improviso

Não tenho muitas palavras
p'ra dizer n'este momento,
concentro o meu pensamento
n'esse horisonte gentil,
que p'ra vós começa agora
a sorrir tão bonançoso,
como o sopro vaporoso
das frescas auras de abril.

Ambos amo, ambos confundo
na minh'alma em vivo affecto,
ambos são o doce objecto
dos ardentes votos meus;

por isso de longos annos
a ventura inalteravel
eu peço em interminavel,
e férvida prece a Deus.

Não tenho prendas que dar-te,
amiga minha querida,
dou-te esta estrophe sentida,
esta mesquinha canção,
são as flôres da minh'alma
que inda para ti vicejam,
que engrinaldar-te desejam
n'esta alegre occasião.

Por isso um brinde festivo
levanto com alegria,
juntando a voz da poesia
da familia ao santo amor,
sejam ambos venturosos,
vejam em doce bonança
realisada a esperança
de que hoje aspiram a flor.

Porto, 1874.

O LAPIS

(traducção)

A MADAME DE GÉRANDO

Este pequeno lapis
tem para mim mais preço
que os thesouros de um Cresso,
de que o sceptro de um rei;
este lapis um anjo
rolou entre seus dedos,
soube de mil segredos,
que nem eu mesmo sei.

De seus labios de rosa
mil vezes foi molhado,
tem vezes mil traçado
seu intimo pensar

o vago pensamento
que, como um sonho leve,
na sua mente breve
deixava deslisar.

Talvez seu brando alento
no lapis envolvido,
seja por mim colhido
com magico prazer,
a ponta d'este lapis
no coração entrando
faz com que palpitando
me sinta estremecer.

Granja, 1874.

A

UM MENINO DE TRES ANNOS

DOENTE DE BEXIGAS

Offerecido á Excellentissima Senhora

VISCONDESSA DE CASTILLON SAINT VICTOR

É noute, sósinha,
medito chorando,
minh'alma penando
se rende ao pezar;
eu sei que tu soffres,
meu anjo innocente,
e a magua pungente
me vem torturar.

Suspiro afflictivo,
que exhala a saudade,
me vem na anciedade
dos labios á flôr,
o pranto me sobe
do peito á garganta,
a dôr ai é tanta
por ti meu amor!

Oh! como a lembrança
do teu soffrimento
redobra o tormento
do meu coração,
a idéa inquieta
revoa ao teu leito,
ralando-me o peito
cruel afflicção.

Quizera ser aura
de mago bafejo,
depunha-te um beijo
no labio febril;
quizera de manso
no teu aposento
entrar um momento
com passo subtil.

Quizera em meus braços
tua pallida frente,
pousar docemente
com mimos de mãe,
dizer-te: — meu anjo,
resigna-te ás dores,
que Deus volve em flôres
martyrios tambem!

Mas ai que receio
que a febre eruptiva
que abraza tão viva
teu corpo sem dó,
te roube a belleza
que o rosto te anima,
seu horrido stigma
deixando tão só.

Um vulto suavissimo,
teu leito velando,
eu vejo chorando
qual chóro tambem,
«meu filho querido!»
no pranto dizendo,
e as ancias soffrendo
que soffre uma mãe!

Ai! filho tão qu'rido,
teu pae tambem triste,
se ao pranto resiste
não tem menos dôr,
pois que da sua alma
tu és meigo encanto,
do affecto mais santo
tão grato penhor.

Escrevo chorando
de amor e saudade!
Meu Deus que anciedade,
que vivo soffrer,
recordo tuas fallas
de tanto carinho,
e custa-me, anjinho,
passar sem te ver.

Mas para consolo,
á dôr que me afflige,
minh'alma dirige
suas preces aos céus,
que para conforto
do peito que soffre
aberto 'stá o coffre
das graças de Deus!

A elle recorro,
por ti implorando,
e o céu escutando
esta prece de dôr,
uma aura de vida
mandar-te-ha querido,
e n'ella envolvido
um bafejo d'amor.

Granja, 1874.

O ARROIO

TRADUCÇÃO DE METASTASIO

Que dulce es ver muellemente
De un olmo à la fresca sombra
Descansando,
Un arroyo tranparente
Que va por la verde alfombra
Murmurando!

Zorrilla.

Limpido arroio que brotas
da crystalina nascente,
murmurando docemente
no teu manso deslisar,
e o viandante convidas,
que sequioso e cançado,
vem repousar a teu lado
ouvindo-te perpassar.

Ha muito tempo bem sabes,
que á beira tua não venho,
que nem um momento tenho
descansado ao pé de ti;
e sobre a relva florida
que te borda a fresca margem,
eu nem sequer de passagem
os meus olhares volvi.

Sempre, sempre pressurosa
se junto de ti eu passo,
não julgues que pouco faço
de ti meu rio, perdão,
se tu soubesses que maguas
a mente aqui me torturam,
e os tormentos que amarguram
o meu pobre coração.

Se tu soubesses que tristes
que são os meus pensamentos,
e estes intimos tormentos,
esta lucta, este penar,
gemerias mais piedoso,
e lagrimas imitando,
irias tambem chorando,
perder-te ao longe no mar.

Mas tu, talvez despiedado,
os traços guardas ainda
d'essa f'licidade infinda
que junto a ti me sorriu,
porque alimentas a relva
onde outr'ora me assentava,
quando tão crente sonhava
ventura que me fugiu?

Porque torno a ver as plantas
onde, entre castas delicias,
eu recolhia as primicias
da primavera gentil,
onde dormia tranquilla
ouvindo o cantar das aves,
soffrega haurindo as suaves,
serenas auras de abril?

Porque o zephiro ligeiro
vem perpassando de leve,
d'essas gottinhas de neve
mnihas faces affagar?
ai foge, foge que em pranto
hoje só meu rosto innundo,
e d'este raudal profundo
não quero o fio enxugar.

Não enxugo, não, as lagrimas
ante Deus assim vertidas,
são em flôres convertidas
no mundo ethereo talvez;
por isso meus prantos d'alma
eu junto ás perolas finas
d'essas ondas crystallinas
que vejo correr-me aos pés!

1874.

AO VIOLONCELLO

DE

MR. EUGÈNE SAUVINET

Improviso

PERGUNTA

Que tens dentro de ti? que ha n'essas cordas
que promove tão grato sentimento?
porque soltas dos tristes o lamento;
o grito do pesar, o écho da dôr?
Porque gemes assim? porque suspiras,
e ora triste, ora alegre nos revellas,
n'essas notas purissimas, singelas,
a paixão, a alegria, a fé e o amor?

RESPOSTA

Não sabes porque nas cordas
percorre o som peregrino?
Porque n'um ai ou n'um hymno
te encantam accordes meus?
É porque a mão que me vibra,
pelo coração guiada,
vem sempre, sempre inspirada
da pura harmonia dos ceus.

Praia da Granja, 1874.

ADEUS

A MADAME DE GÉRANDO

Improviso

Onde vaes? porque me deixas
gemendo aqui de saudade?
Em tão grande soledade
na tristeza vou viver,
recordando a toda a hora
estes felizes momentos
em que tu meus sentimentos
nest'alma podeste ler!

Ai tu partes! eu comtigo
francamente o peito abria,
quando em ondas de poesia
transbordava o coração.

Leste, como em livro aberto,
no recondito profundo,
de uma alma que foge ao mundo
e procura a solidão.

E foges-me! quando, quando
volverei de novo a ver-te?
ai! que a idéa de perder-te
me lacera o peito aqui!
em vão buscarei conforto
na lembrança do passado,
meu coração magoado
me dirá que te perdi!...

Com quem fallar de mansinho?
a quem abrir a minha alma?
onde procurar a calma
ao meu calado soffrer?
Quem, como tu carinhosa,
me abrirá seu nobre seio,
onde possa sem receio
repousar do padecer?!

Mas ah! supremo conforto
Deus me envia bemfazejo,
uma esperança antevejo
que minora o meu penar;

oh ! hei de ainda abraçar-te,
conversar muito comtigo,
e n'esse teu peito amigo
de novo a fronte pousar !

No entanto, de tempo a tempo
as minhas lettras sentidas,
por teu affecto acolhidas,
com amisade terás,
e que não sei ser ingrata
verás no estylo saudoso,
que em meu peito carinhoso
lembrada sempre serás.

Mas basta, que o pranto amargo,
o papel me vae molhando,
e as lettras quasi apagando,
com que escrevo affectos meus;
são lagrimas de saudade,
é d'alma o profundo grito,
com que deixo aqui escripto
meu triste e saudoso adeus!

Praia do Granja, 1874.

EPISTOLA

á Ex.ma Sr.a

D. JOANNA BARBOZA XAVIER

E

SEU ESPOSO

ao correr da penna

(FRAGMENTO)

. . . .

. . . .

D'aquem dos mares hoje a vós dirijo o canto,
embora seja rude e a carecer de encanto,
mas, estaes no desterro, em tanta solidão,
que talvez ainda assim, tão pobres como são,
vos possam distrahir meus versos um momento,
dando tregua á aridez do fixo pensamento
do exilado, que a patria em vão tenta avistar,
que longe d'ella vive, ai! sempre a suspirar,
de saudades talvez, das que Garrett um dia
ser — gôsto amargo — ao triste e ao infeliz dizia,

que affaga o coração e que nos faz sentir
de deleitoso espinho o magico pungir!
Junto a vós me transporto, imaginando á vista
dos montes da Madeira a recortada crista,
da nympha que mergulha os pés no frio mar
emquanto altiva os céus co'a fronte vae tocar.
Ridente a verdejar d'entre o azul das vagas
co'o manto de veludo! eis-me já n'essas plagas,
os carvalhos avisto e o sombreado caes
d'onde ha pouco parti para não voltar mais.
Transporta-me veloz o inquieto pensamento
ao lugar onde estaes e em breve... n'um momento,
acho-me ao pé de vós.... abraço-vos a rir...
Oh! pensei ser verdade e era tudo a mentir!
Mas, se me illude assim a louca phantasia,
se vêr-vos não me é dado, eu que abraçar-vos cria,
resta-me o coração onde a memoria está
de vós ambos gravada, e eterna ficará!

....

....

Escrevo ao por do sol, na beira da collina
e a vista se dilata além pela campina;
a brisa brandamente a perpassar no val,
balouça a rama leve ao verde salgueiral!
Aqui não tenho o mar, d'azues, de infindas aguas,
o mar que diz saudade, o mar que affaga as maguas;
é só por toda a parte o explendido verdor,

mas verde sempre igual! É da esperança a côr;
e ainda assim gosto mais dos escarceus sombrios
do mar, que vae de encontro aos rochedos esguios,
que de longe ergue o dorso immenso, collossal,
e desaba na rocha a mole de crystal;
que a envolve em lençol de escuma alva e brilhante
e se affasta depois altiva e triumphante
p'ra volver outra vez! em furia a rebramir
com horrido fragor os ares a estrugir;
aqui n'esta campina a loura messe ondêa,
surge a rubra papoula entre a espiguinha cheia,
e o campo a patentear explendido matiz
ridente em luz se envolve, e só venturas diz.
Mas eu gosto do mar, acho-lhe um vivo encanto,
lembra-me sempre a angustia, o rebentar do pranto,
recorda um não sei quê d'intimo segredar
dos prados ao verdor prefiro a beira mar!

. . . .

. . . .

Portel, 1871.

PARA QUE NASCI POETA?

Fragmento de uma carta

A MADAME DE GÉRANDO

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

P'ra que nasci eu poeta
se estes meus sonhos de fogo
vejo esvahecidos logo
como miragem fugaz?!
se as mais risonhas esp'ranças
eu vejo sempre illudidas;
são tudo illusões perdidas
e.... nuvem que se desfaz!

Sorri de longe a ventura,
presinto-a proxima, creio
até, no meu grato enleio,
que segura está p'ra mim,
sopra o tufão da desgraça,
e o risonho pensamento
transforma-se n'um tormento,
n'uma agonia sem fim!

De que serve então a lyra?
para cantar minhas penas;
eis o consolo que apenas
achar posso á minha cruz!
como o gemido da rôla,
em vez de canção é pranto;
é talvez do cysne o canto
que só martyrios traduz!

E sigo sempre cantando
a pena que me magoa!...
embora muito me dôa
este meu triste cantar!
é o amargo desabafo
que tem um peito opprimido,
o grito d'alma saído,
que vae os ceus procurar!

Ai! sou como a ave implume
que seu vôo erguer pretende,
e á beira do ninho estende
as azas para a amplidão,
que na força do desejo,
no cego arrojo, se esforça,
e vem afinal, sem força,
cair exhausta no chão!

Se acaso o suave balsamo
da amisade se me off'rece,
e um coração me aparece
todo ternura e amor,
a quem os thesouros d'alma
com mão liberal franqueie,
a quem mostrar não receie
os prantos que verte a dôr;

é como breve lampejo
esta aura serena e pura,
foge em breve, e a desventura
é quanto resta, meu Deus!
saudade! sempre saudade!
sempre lembrar o passado!
sempre um suspiro magoado
a embargar os hymnos meus!

Eu canto junto do berço,
d'um innocente que adoro,
e vendo-o dormir eu chóro,
pensando no meu porvir;
que d'aquelle somno placido,
ao ver a serenidade,
medito na variedade,
que nos mostra o existir.

«Dorme, lhe digo em voz baixa,
«dorme, filho, que eu chorando,
«vou entretanto pensando
«nas maguas do meu viver!..
«e scismo junto ao teu berço,
«vendo fugir-me o passado,
«e o futuro inda toldado
«pelas nuvens do soffrer!

«Ai dorme! teu seio arfando
«brandamente a roupa eleva,
«e a minha vista se enleva
«n'essa fronte de marfim!
«Porque suspiraste agora,
«e a mão ergueste dormindo;
«verias talvez sorrindo
«entre o sonho um cherubim?!

«Como eu gosto de beijar-te
«essa mãosinha de neve,
«com meus labios, ao de leve,
«affagal-a com amor,
«e depois soltar do peito,
«em vez de uma prece um canto
«solemne, sentido e santo,
«invocando o Creador!

«Sim, porque a voz do poeta,
«na solidão inspirada,
«junto de um berço entoada
«em carinhosas canções,
«cheia de férvido anhelo,
«elevada ao Ser Eterno,
«é a flôr do culto interno
«e a melhor das orações!»

....
....
....

Cantei e orei juntamente!
foi da noite a meiga prece
que noss'alma a Deus off'rece
á hora de recolher,

acalentar a creança,
com zelo o somno velar-lhe,
a existencia consagrar-lhe,
é o Eterno bemdizer!

O poeta não precisa,
para orar á divindade,
da palavra que a piedade
formula como oração,
porque um soluço, uma lagrima,
um pensamento, é um hymno
que transporta ao Ser Divino
com fervor seu coração!

Para que nasci poeta,
ainda ha pouco perguntava;
tão louca, que não pensava
n'esse dom que Deus me deu!
Narcotico precioso
que os pezares adormece,
pois cantando o vate esquece,
o muito que já soffreu!

Por isso das minhas penas,
d'esta contínua tortura,
para adoçar a amargura
meu canto soltar eu vou,

e emquanto que os pobres hymnos
na solidão aqui teço,
os meus pesares esqueço
e quasi que feliz sou!

Volvem de novo ao espirito
as illusões e a crença,
a phantasia suspensa
n'um enlevo celestial,
foge dos nadas da vida,
lança-se na immensidade,
e busca a eterna verdade
além... no mundo moral.

Sim, que m'importa a incerteza,
a duvida, a magua, a pena,
hei de atravessar serena
d'este mundo entre o vaevem,
que ao chegar o extremo instante,
ao severo umbral da morte,
ali tenho certa a sorte
ao raiar do infindo bem!

....

....

Porto, Setembro 1874.

UMA NOUTE NA ALLAMBRA

MEDITAÇÃO

DE

JULIAN ROMEA

(Traduzido do hespanhol)

Silencio e solidão! finda a fadiga,
o pranto e o pesar cala e repousa,
sob o céu granadino, ó noite amiga,
vens reflectir em solitaria lousa!

À tua sombra tranquilla e scismadora
da fonte me assentei na borda fria,
co'as leves per'las que brotou n'ess'hora,
o ardor do peito refrescar sentia.

Tua fresca brisa que o jardim ondêa,
corre, o aroma de uma flor levando,
brandamente os arbustos balancêa
entre a verde folhagem suspirando.

E ao respirar-te o perfumado alento,
incertas ouço, d'entre as nevoas frias
vibrar, fugir perdidas pelo vento,
phantasticas, longinquas harmonias.

É de um anjo o voar estremecido?
É o echo do mundo que retumba?
É o suspiro do ceu adormecido,
ou o lamento de olvidada tumba?

Oh! quem sabe, talvez os que morreram
lá, debruçados, do sepulchro á beira,
o mundo de miseria em que viveram
olham d'alem da perennal barreira.

E uma lagrima, acaso, de amargura
não assoma a seus olhos sem conforto?
Não inveja dos vivos a ventura,
desde seu concavo sepulchro o morto?

Talvez que a sombra de Alamar errante
por esse Alcaçar assombrada vela;
ao ver da cruz a insignia fluctuante
por sobre a antiga torre de *La Vela*.

«Onde essas danças de vivaz arruido,
«e o riso brando e as canções saudosas,
«junto ao myrto frondoso entretecido
«co'as grinaldas de goivos e rosas?

«Que é feito d'esses sabios do Oriente?
«Onde existem as hostes granadinas?
Era vencivel tão briosa gente?
Que lança atravessou suas jazerinas?»

E aqui o silencio sua tortura augmenta,
que do vento o bramir só respondera;
onde viu o Crescente e Cruz se ostenta,
onde o Koran reinou a Biblia impera.

E corre, e geme, e os seus filhos chama,
e quanto escuta e vê sua mente offusca;
e os tristes prantos em redor derrama,
sem encontrar o que anhelante busca.

E esses logares com horror deixando,
que conquistára a triumphante espada,
volve ao sepulchro, com pesar clamando:
— «Ai meu ceu hespanhol! minha Granada!»

Lá onde outr'ora contemplou luzente
de Cesar a mansão, o antigo Lacio,
talvez levanta a veneranda frente,
a nobre sombra do valente Horacio.

E levando seus passos silenciosos
ao capitolio que humilhou o destino,
em vão procura os fachos victoriosos,
padrão glorioso do valor latino.

E geme e chora com pesar profundo,
ao ver Roma de si tão descuidada,
a antiga Roma, a imperatriz do mundo,
sob o jugo levitico prostrada.

E os seus brazões illustres despedaça,
que conquistou sobre a cortada ponte,
e ao contemplar a envilecida raça
pende outra vez a envergonhada fronte.

Genio infernal sobre o Pyrenne erguido
seus olhos abre em desditoso dia,
e feroz, entre os gellos envolvido
por sobre a minha patria os estendia.

De paz e gloria esse porvir ditoso,
que a Hespanha aguarda, seu rancor provoca,
e a maldição que solta pavoroso
repetindo-se vae de bocca em bocca:

« O som altivo do clarim da guerra
« escute Hespanha com espanto mudo,
« trôe o canhão e estremeça a terra
« do rouco batalhar ao som agudo.

« Em lanças e arnezes os arados
« seus filhos com ardor verás trocando,
« de sangue humano os campos innundados,
« e com sangue talvez o pão regando. »

E ali, na hora em que o mortal socega,
o militar estrepito retumba,
que resoando impetuoso chega
de nossos paes á adormecida tumba.

E erguendo-se em seu funebre recinto,
gemem ao ver, desde seu frio leito,
pelo sangue hespanhol o solo tinto,
do cantabrico mar até o Estreito.

Que duvida que os homens que passaram
por permissão de Deus, voltam ao mundo
a ver o nada que immortal julgaram,
e humildes choram com pezar profundo!

E então é, que na amplidão serena
fundo suspiro de anciedade gira,
desde a escrava Sião a Santa Helena,
das ruinas de Italica a Palmyra.

E quem sabe! mil vezes não pensamos
ver uma sombra deslisar-se incerta,
se é delirio d'um sonho duvidamos,
ou realidade da razão desperta.

Talvez sua marcha d'entre a noite escura
não seja sonho que illusões encerra,
talvez lhe fosse aberta a sepultura,
e bradado lhe foi: — « surge da terra.

«Surge e ao homem por seu Deus maldito
«o socego e o somno lhe affugenta
«e a imagem feroz do seu delicto
«em tremenda visão lhe representa.»

Chega e gelando-o com sua destra fria
do seu covarde coração escuta
o fundo palpitar e a agonia
com que, arquejante, o desgraçado luta.

No entanto o justo em seu tranquillo leito
de bellos iris o futuro tinge,
desce o repouso a seu singelo peito
e com sonhos de paz sua fronte cinge.

Oh! noite, tu és grande, tu és bella,
por mais que intente disputal-o o dia,
não troques, não, tua menor estrella
do seu brilhante sol pela alegria.

Se elle se ufana d'uma luz tão pura
ostenta, ó noite, teu brazão luzido,
recorda ao mundo que á tua sombra escura
o *Homem Deus,* foi em Bethlem nascido.

Que o viste dos archanjos rodeado
de vida e graça derramar a luz,
e erguer entre o Eterno e o peccado
como insignia de paz a Santa Cruz!

INVOCAÇÃO

A PEDIDO DE UMA AMIGA

Improviso

Ó Virgem que de teu manto
recobrindo os desgraçados,
és, para os atribulados
amparo e mãe;
escuta o grito que solta
o coração que padece,
attende a singela prece
que aos labios vem.

Dá-me força na desgraça,
tu, que martyr padeceste,
que traspassada viveste
por tanta dôr;
quando ruja a tempestade
sobre mim, dá-me conforto,
luz nas trevas do meu horto,
astro de amor!

Leva p'ra longe a tristeza
que me faz gemer de magua,
estanca estes rios de agua
que vêrto aqui;
dá á minha mocidade
algumas rosas amenas,
pois que os espinhos apenas
triste colhi!

Vê minha pobre existencia
que se consome no pranto,
e tenho soffrido tanto
no viver meu,
que no teu seio materno
minh'alma com fé se lança,
mostra-lhe mãe, a esperança,
abre-lhe o céu!!

Estrella de alvor celeste,
astro nos céus suspendido,
guia o meu baixel perdido
no vendaval;
leva-o ao porto invisivel
onde da lucta descance,
e por premio enfim alcance
c'roa immortal!

1875.

A AMISADE

á Ill.ma Sr.a

VISCONDESSA DE CASTILLON SAINT VICTOR

Improviso

A amisade é flôr celeste
que, lá da etherea campina,
veiu em hora peregrina
entre nós desabroxar,
sentimento delicioso
de súblime e doce encanto,
é tudo o que ha de mais santo,
que mais prazer pode dar.

Quando a noss'alma opprimida,
pelas ancias da amargura,
sente o peso da tortura
esmagal-a co'o soffrer,

é no seio da amisade
que, seu alivio buscando,
vae as maguas olvidando,
e acha forças p'ra viver.

A amisade é flôr mimosa
que tem perfume suavissimo,
é dom immenso e purissimo
que dimana lá dos ceus;
quando junto de um amigo
as penas desabafamos
é então quando encontramos
que a amisade vem de Deus!

Lisboa, 1875.

A POESIA

à Monsieur le

VICOMTE E. DE CASTILLON SAINT VICTOR

Improviso

Porque dizes que profano,
não comprehendes a poesia,
essa celeste harmonia
que nos dimana dos céus?
Ah! não creio, pois não pode,
quem contempla a natureza,
desconhecer a belleza
que na terra espalhou Deus.

Sabes o que é a poesia?
é o céu azul e immenso,
é das flôres o incenso,
a fontinha a murmurar,

é do sol o raio explendido,
a estrella fulgindo bella,
e o sorriso da donzella
por amor a suspirar.

É poesia o lampejo
do meteoro fulgurante,
o mar bramindo espumante,
erguendo o dorso feroz;
é poesia o rugido
que solta no bosque o vento,
levando rijo e violento
por entre as ramas a voz.

A poesia na terra
está em tudo espargida,
no nosso ser confundida,
envolta em candidos véus;
pois que existe a poesia
em tudo o que é grande e bello,
desde o raminho singelo
até ao throno de Deus!

1875.

EPISTOLA

A UMA AMIGA

No remanso da paz, sentada ao pé de um freixo
vagar em liberdade o pensamento deixo.
Ha pouco despertei, ridente o alvorecer
ao jardim, todo em flôr, convidava a descer.
Abrem-se os coffres mil da immensa pedraria
que ver-te o fresco orvalho ao despontar do dia;
a mariposa leve, em torno do rosal
bebe o nectar celeste em taças de crystal,
a flôr desabroxada o calix rescendente
abre ao raiar do sol a perfumar o ambiente.
Entre os louros além, um bando de pardaes
pousando na ramada, em hymnos festivaes
soltam da madrugada o canto peregrino,

saudando o alvor do dia, o raio matutino
e no occulto da matta, a presentir o sol,
gorgeia entre a balseira o meigo rouxinol.

. . . .

. . . .

Desperta a povoação; já o rumor da vida
se ouve por toda a parte e recomeça a lida;
vae ao campo a ceifeira, aos montes o pastor,
o sol innunda a serra em magico fulgor,
desperta a creação do somno em que jazia,
e retoma a tarefa á luz do novo dia.
Eu scismo e penso a sós, um lapis tenho á mão,
ponho o papel n'um banco e assento-me no chão,
vou escrever aqui, do verde freixo á sombra,
co'as ramas por docel e a relva por alfombra,
é um bello escriptorio, onde inspirada estou,
e a ti, bondosa amiga, o canto off'recer vou.

. . . .

Sabes tu no que eu penso agora n'este instante?
Oh! no futuro, sim, é o meu sonhar constante!
A gloria! essa ambição sublime que affaguei,
sonho que recresceu, que affastar não tentei,
a gloria! a gloria sim, ideal que me deslumbra,
que do porvir além occulta entre a penumbra
como um ponto longinquo avisto a reluzir,
a feiticeira luz que anima a proseguir!
Mas o poeta é rei; o illimitado imperio

da phantasia rege; a sombra e o mysterio
tudo penetra e a tudo o véu pode rasgar;
desce á lobrega estancia, eleva-se ao altar,
transpõe co'a idéa só a vastidão das aguas,
dá um hymno ao sorrir, chora d'alheias maguas,
ora fluido subtil, ora visivel forma,
incançavel Protheu, em tudo se transforma,
de lagrimas orvalha os páramos da dôr,
é allivio ao pesar, sopro reparador,
o que a vida não dá na atroz realidade
concede elle, sorrindo, á pobre humanidade,
doura-lhe os sonhos sempre, e embora na illusão
o vate é sempre rei, domina a creação.

. . . .

Eis o que penso aqui n'este jardim de flôres,
emquanto a brisa em torno a murmurar amores
me segreda ao ouvido, em ciciar sem fim,
mysterios do porvir, sonhos de seraphim!...
Porque não 'stás aqui?. Mas vou fingir na mente
que atravesso do espaço a estrada transparente,
rapida a esvoaçar por sob o plaino azul
deixando n'um momento as campinas do sul,
eis chego, e penetrando alfim na tua estancia,
inclino-me a abraçar-te; oh! mas sonhei em vão,
pensei que era verdade e era tudo illusão!...
Mas se mentiu á idéa, o louco pensamento
acho-te dentro d'alma, e o grato sentimento

da amisade que vive emquanto eu existir,
o canto me animou ainda a proseguir.
Porém basta que o sol já penetrou na matta
e a viva luz que fulge os sonhos me arrebata,
o canto vou findar por ti rogando aos céus,
dando-te ao despedir um beijo e um adeus.

Portel, 1871.

UM RETRATO

á Excellentissima Senhora

D. VIRGINIA SANTOS D'ABREU

(Improviso)

Pedem-me que te retrate,
e eu pobre, tanto sem arte,
quizera para pintar-te
ser Rubens ou Raphael,
mas como querem que faça
o retrato exactamente
se o poeta tem sómente
a penna em vez de pincel?

Falta-me a vida, o relevo,
que dão as tintas, e as côres,
como do olhar os fulgores,
em duas palavras dizer?

como pintar a magia
d'esse rosto peregrino,
d'esse semblante divino
que tanto gosto de ver?

Assim farei o retrato
dizendo: que esse teu rosto,
todo de graças composto,
onde brilha um meigo olhar,
e esses labios purpurinos,
e essa tez tão delicada,
a poetisa, coitada,
não pode nunca pintar!

Porque para tal empresa,
e assumpto tão transcendente,
eu quizera certamente,
ser Rubens ou Raphael;
não supre a côr a palavra,
e enfraquece o pensamento,
quando tem por instrumento
a penna em vez de pincel.

1875.

ÁS CAMELIAS

Improviso

A derradeira brisa
do outono já desfolha
os ramos folha a folha,
alcatifando o chão,
e as florestas despoja,
despe o ramal sombrio,
roubando até ao rio
a sombra do chorão.

Se de flores e arôma
a terra está privada
e em nevoas mergulhada
a natureza está,
eis surge entre a folhagem,
que eterno verde ostenta,
um botão que rebenta,
e a flor aberta está.

Eis de novo a camelia,
salvè flor impagavel!
cuja vista agradavel
me attrahe o coração!
julga-se ao descobril-as
entre a escura folhagem
que a balouçar co'a aragem
brandos arminhos são.

Se não tem o perfume
da rosa que inebria,
que grata poesia
que eu vejo ó flor em ti,
tão fresca, aveludada,
tão modesta, purissima,
ou rubida ou alvissima
linda sempre te vi.

Igual ás avesinhas
que vem na primavera,
ao ninho que as espera
trazer as affeições,
tu vens, ó flor singela,
rica de formosura,
reinar com essa alvura
de inverno nos salões

Porto, 1874.

SOU FELIZ

I rejoice in each sun beam that gladdens the vale,
I rejoice in each odour that sweetens the gale,
In the bloom of the spring, in the summer's gay voice
With a spirit as gay. I rejoice! I rejoice!

G. Griffin.

Eu sinto jubiloso o espirito cá dentro
como a brisa a brincar na relva da planicie,
que ao lago azul encrespa a lisa superficie,
e vae perder-se além da selva entre o ramal.
Como ao romper da aurora o rouxinol gorgeia,
minh'alma, ave tambem, solta seus meigos hymnos,
não brando dedilhar de harpejos peregrinos,
mas uma breve endeixa alegre e festival.

Seja embora a tristeza o mytho dos poetas,
seja a magua o seu norte, a amargura o seu guia,
eu tenho, dentro em mim, a luz e a alegria,
e as trevas n'um momento em sol vejo volver;
sempre espero o melhor, sempre o futuro encaro
do lado o mais risonho, e n'esta doce crença
sinto no coração uma delicia immensa,
engrinaldando assim a cruz do meu viver.

Não é por deleitar-me em ver alheias dôres
que eu corro pressurosa ao pé dos que padecem,
as fibras da minh'alma aos échos estremecem
dos ais que solta a dôr, dos prantos do infeliz.
Mas quero abrir meu peito á magua do que soffre,
e as lagrimas guardar no coração piedoso,
que vendo partilhado o seu pesar penoso
o misero que soffre a mão de Deus bemdiz.

Bemdito o coração que ao encarar da angustia
o terrivel embate, a nuvem de negrura,
tem em si da alegria o escudo e a armadura,
dos labios o sorriso opondo ao soluçar;
e não vendo senão a dôr da alheia pena,
off'rece ao desvalido o celestial conforto
que lhe alivia a cruz, e lhe illumina o horto,
que o martyrio lhe enflora, e que lh'o vem dourar.

Sim, quando a tempestade, ao longe rebramindo
ameaça a florinha estiva e delicada,
quando a abobeda etherea em nuvens enluctada,
proclama o vendaval nas azas do tufão;
eu qu'ria ser no céu o iris radiante,
o lampejo do sol, o nuncio da bonança,
a voz consoladora a murmurar esp'rança
do triste em desalento ao pobre coração.

Quando o niveo botão das chuvas innundado
pender emmurchecido eu vejo, então quizera
ser o raio gentil do sol da primavera
fazendo a pobre flôr de novo reviver,
e ao infeliz, tambem, que no segredo occulta
o acerbo reluctar de cruciantes dôres,
consolação daria, como o sol ás flôres,
e na fé do porvir ainda o levara a crêr.

Eu desejava ser o balsamo celeste
que em nome do Senhor, do Deus Omnipotente,
visita o coração do triste penitente,
trazendo-lhe do céu ás culpas o perdão;
ou o mago sorrir da santa caridade
que envolve o infeliz nas dobras do seu manto,
que a fome lhe sacia e que lhe enxuga o pranto;
mostrando-lhe o signal da eterna redempção.

Alegre, em doce paz, meu coração exulta,
e até na sepultura inda diviso flôres,
pousam na cruz da lousa aligeros cantores,
e trinam no sombrio e erguido cyprestal:
feliz oh! sim! feliz o que sem medo encara
o frio umbral da morte a pavorosa estancia,
que desde os verdes annos da mimosa infancia
espera além da campa a vida immaterial.

Feliz do que sentindo a consciencia pura,
percorre sem temor a senda da existencia,
na eterna aspiração da peregrina essencia,
e sabendo colher d'entre espinhaes a flôr;
que extactico comtempla o despontar da aurora,
o zephiro gentil que brinca na campina,
a violeta do valle e a candida bonina,
da natureza emfim o magico explendor.

A minh'alma tambem no decorrer da vida,
olvida sempre a magua e lhe prefere a esperança,
no porvir antevendo a prospera bonança
sempre grata ao Senhor o ama e o bemdiz,
exulto ouvindo além o rouxinol que trina,
rejubilando aspiro o perfumado ambiente,
e se um cantico solto é p'ra na voz contente
dizer ao mundo inteiro; » eu goso! eu sou feliz!

Lisboa, 1875.

INDICE

VERSOS

DE

Maria Rita Chiappe Cadet

DEDICADOS

á Ex.ma Sr.a

D. Joanna Gil Borgia de Macedo

PUBLICADOS EM 1870